

Trimestral
Genebra
Suíça
Ano VII
Junho
2007
Bilingue

Distribuição gratuita

Pessoas

n°26

encontros culturais

Análises

Comentários

Contos

Crónicas

Entrevistas

Eventos

Galeria

Opiniões

Poesia

Roteiros

Hélder Costa

Escritor, Dramaturgo, Encenador e Actor



“DESCE EURIBOR DESCE”

A EURIBOR NÃO OBEDECE. ESCOLHA
A TAXA FIXA QUE LHE GARANTE A
MESMA PRESTAÇÃO MÊS APÓS MÊS



A Euribor é mesmo assim: variável. Sobe quando menos se espera e desce quando quer. É por isso que cada vez mais **portugueses residentes no estrangeiro** fazem como o Zé Pedro e escolhem a taxa que **garante a mesma prestação mês após mês, ano após ano**: a taxa fixa do BES. Assim, se vive no estrangeiro e tem casa em Portugal, solte as rédeas da Euribor e agarre-se à taxa que não sai do sítio. **MAIS UMA DAS GRANDES SOLUÇÕES DE CRÉDITO HABITAÇÃO BES.**

**BANCO
ESPIRITO
SANTO** Quem
sabe, sabe
e o Zé Pedro
é que sabe

Av. de Montchoisi, 15 - 1006 Lausanne
Tél. +41 21 614 00 14 • Fax: +41 21 614 00 15
Câmbio +41 21 614 00 16
WWW.BES.PT

E-mail: emigr@bes.ch • **BESDIRECTO: 008000 24 7 365 0**

Pessoas

ficha técnica

Propriedade

L.C.

Director

António Pinheiro

Edição

A.P.I.C.

Chefe de Redacção

Luz Neto

Redactores permanentes

António Louçã
Benjamin Ferreira
Catarina Reis
Mafalda Oleiro
P. Bártoło
Rosa Adanjo

Colaboraram neste número

Aderbal Xisto Gomes
Casimiro Oliveira
Gabriela Silva
Luís Alves da Costa
Luís Florêncio
Luísa Costa
Lurdes Trindade
Manuel Bernardo
Miguel Neves Passarinho
Rose-Mary Magnin

Grafismo e Paginação

Eduardo Pinho

Fotografia

António Pinheiro
Mário Pereira
Octávio Xisto

Publicidade

Gabriel Bettencourt

Pessoas magazine

CP 1877

1211 Genève 1

Bd. James Fazy 18

1201 Genève Suisse

Tel +41 22 738 85 25

Fax +41 22 738 88 37

peessoasmagazine@bluewin.ch

Periodicidade trimestral

Assinatura

20 frs / ano – Suíça

40 frs / ano – Europa

Tiragem deste número

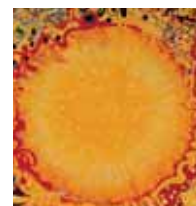
5.000 exemplares

Distribuição gratuita

Leia a **Pessoas** na internet
www.espacoportugues.ch
www.livraria-camoes.ch

sumário

- 4-5 ----- Editorial
- 6 ----- Seis meses de reinado Europeu
- 7 ----- A Corja
- 8 ----- Galeria – Linda Chaves
- 10 ----- Notas Soltas
- 12 ----- Lobo Antunes
- 14 ----- Eu deprimida a Ocidente
- 17 ----- Via Láctea
- 18 ----- No Harém dos Sultões de Istambul
- 21 ----- Observatório de Genebra
- 23 ----- Entrevista, Hélder Costa
- 35 ----- A rua dos meninos
- 36 ----- O pianista
- 38 ----- Dando à taramela
- 40 ----- Gnossiennes
- 42 ----- Roteiros – Chutes du Rhin
- 45 ----- Brigada Ligeira
- 46 ----- Endereços úteis



Pessoas

Distribuida na Suíça por



LEDOSA

JOSÉ ANTÓNIO LEDO

Distribuidor, em toda a Suíça, da imprensa portuguesa e espanhola

Rue des Gares • 1201 Genève • Tel: 022 740 42 20 • 022 740 20 73 • Fax: 022 740 42 22

Un petit coin de l'Europe assume pendant six mois la Présidence de l'Union Européenne; mobilisation générale pour donner une image crédible des efforts et progrès que le quotidien contredit.

Nous allons mal, c'est vrai. Nous ne pouvons pas l'occulter: poussée du chômage, (la "*flexigurança*" n'a pas encore créé de racine), corruption presque institutionnalisée, désenchantement croissant installé chez le citoyen, toute puissance "*pidesca*" des supérieurs face aux subordonnés. En contrepartie, jetant le voile diaphane pour occulter les réalités, le PM. vient annoncer "ton Europe, ton futur" comme si avoir la citoyenneté européenne nous apporte de meilleurs services de santé, un meilleur enseignement et une plus grande stabilité dans le monde du travail.

L'approbation du futur traité réformateur de l'Europe, en octobre, sera "la priorité des priorités". Dans la vision de Socrates, ce n'est rien de plus qu'une reformulation allégée de traités antérieurs. Ce sera le cheval de bataille de cette Présidence, même si en marge, l'opinion du citoyen reste (référendum pour quoi?). Nous croyons que l'Union Européenne a vécu des moments *d'Union privilégiés eurocrates et bureaucrates* éloignés des réels problèmes des pays. Maintenant à vingt sept ans, on devra ouvrir les portes à des débats bien plus élargis, loin de l'hégémonie des six plus puissants qui imposaient et forçaient des avis.

On peut louer le questionnaire que le Consulat de Genève a distribué à la Communauté portugaise, afin de demander l'appréciation de ceux qui utilisent ses services pour, peut-être, colmater les lacunes, afin de rendre plus efficaces les services rendus au public.

Les résultats peuvent être consultés (dans la page Web du Consulat), et les émigrants ont déjà constaté des services plus humains, rapides et efficaces. Il a valu la peine de faire cette réorganisation et de ne pas avoir eu peur d'être questionnés.

Un autre questionnaire a été distribué aux Chargés d'Education des élèves qui fréquentent les cours de langue et culture portugaise en Suisse afin d'obtenir leur opinion sur la situation générale de l'enseignement et l'implication, ou pas, des Parents, Professeurs et Chargés d'Education dans l'accompagnement et la formation des élèves. Un fois de plus c'est une attitude digne d'être relevée. Cependant, nous trouvons hors de propos, la question: "*Considérez-vous que les parents devraient contribuer aux dépenses des cours?*"

Nous croyons que personne ne prendra cette question en considération. Pourquoi les parents devraient-ils contribuer aux dépenses de l'éducation de leurs enfants, alors que le droit à l'enseignement gratuit pour tous les Portugais est consacré dans la Constitution de la République Portugaise? Où alors, devraient-ils éventuellement payer parce qu'ils sont fils d'immigrants, *e longe vá o mau agouro*, auraient-ils moins de droits que ceux qui résident au Portugal?

Nous souhaitons seulement que ces questionnaires obtiennent les bons résultats espérés, pour le bien de l'enseignement portugais en Suisse.

L'été, même pluvieux, nous invite aux vacances. Qu'elles soient reposantes et heureuses.



Um retalho europeu assume, durante seis meses a Presidência da União Europeia. Mobilização geral para dar uma imagem credível de esforços e progressos que o quotidiano tem vindo a negar. Vamos mal, é verdade. Não podemos escamotear picos de desemprego (a flexigurança ainda não criou raízes), a corrupção quase institucionalizada, o desencanto crescente instalado no cidadão e a prepotência pidesca de superiores face aos subordinados.

Em contrapartida, lançando o véu diáfano, para ocultar realidades, vem o PM apontar: “A tua Europa o teu Futuro”, como se ter cidadania europeia viesse trazer melhores serviços de saúde, melhor ensino, melhor estabilidade no mundo laboral.

A aprovação do futuro Tratado reformador da Europa, em Outubro, “a prioridade das prioridades”, na visão de Sócrates, que não é mais que a mera reformulação aligeirada de Tratados anteriores, será o cavalo de batalha desta Presidência, embora, à margem, continue a ficar o opinião do cidadão (referendos, para quê?). Cremos que a União Europeia viveu momentos de *União de privilegiados eurocratas e burocratas*, distanciados dos reais problemas dos países. Agora a 27 opiniões, terá de franquear portas a debates mais alargados, longe da hegemonia dos seis mais poderosos que impunham e forçavam pareceres.

É de louvar o inquérito que os Serviços Consulares de Genebra distribuíram pela comunidade, submetendo-se à análise e apreciação dos utentes a fim de, porventura, colmatarem lacunas e tornarem mais eficiente os serviços de atendimento ao público.

Os resultados estão aí (página web do Consulado), e os emigrantes constatam-no já no atendimento mais humanizado, célere e fluído dos Serviços Consulares. Valeu a pena terem feito esta reorganização e não terem medo de serem questionados.

Outro inquérito foi entregue a alguns Encarregados de Educação de alunos que frequentam os Cursos de Língua e Cultura Portuguesas, na Suíça, para estes opinarem sobre a situação geral do Ensino e a implicação, ou não, dos Pais, Professores e Encarregados de Educação no acompanhamento e formação dos alunos. Uma vez mais, é uma atitude digna de louvor. Porém achamos despropositada a questão: *“Considera que os pais deveriam contribuir para as despesas dos Cursos?”*. Cremos que ninguém considera. Por que é que os pais deveriam contribuir para as despesas da Educação dos filhos, quando o direito a um ensino gratuito de todos os portugueses está consagrado na Constituição da República Portuguesa? Ou será que, eventualmente, deveriam pagar porque são filhos dos emigrantes e, longe vá o mau agouro, terão menos direitos do que aqueles que residem em Portugal?

Só temos a desejar que deste inquérito surtam os bons resultados esperados para bem do Ensino Português, na Suíça.

O Verão, embora chuvoso, acena com férias. Tenham-nas repousantes e felizes.

António Pinheiro

Ler a **Pessoas** é saber mais!

Seis meses de reinado Europeu

Durante seis meses – seis curtos meses – Portugal irá presidir aos destinos da Europa, constituída por 27 Estados Membros. A direcção dos destinos e da execução da política europeia, nos próximos 6 meses, nas duas vertentes mais visíveis – a vertente política e a vertente diplomática – precisa de árdua preparação, exigente execução do calendário e, sobretudo, precisa de resultados visíveis. Uma política europeia sem resultados visíveis e sem a necessária inteligibilidade dos cidadãos, leva ao descrédito das instituições e ao aparecimento de “nacionalismos” doentios.

A Europa, a construção global da Europa através da política dirigida pelas instituições europeia e, nomeadamente, pela Comissão, deverá ser reforçada e apoiada pela totalidade dos Estados Membros. Portugal assim o entende e assim o assume, convocando uma conferência intergovernamental, com a finalidade de redigir o futuro Tratado Europeu. Contudo, conforme foi afirmado pelo Secretário de Estado quando apresentou, em Bruxelas, as prioridades da Presidência Portuguesa, “*não basta apenas negociar um novo Tratado. Os tratados são instrumentos jurídicos, mas não se substituem à vontade política de ir mais além, em conjunto. São hoje necessários novos projectos que traduzam, no concreto, essa vontade política colectiva de que a Europa parece carecer*”.

Novos projectos, afirma o Governo português, que tragam um acréscimo de bem-estar, de esperança e de cidadania responsável, cumprindo o lema proposto pela Presidência Portuguesa: “*Uma União mais forte para um Mundo melhor*”.

Além das dezenas de reuniões institucionais que terão lugar durante a Presidência portuguesa, tanto da Comissão como do Parlamento

Europeu, outras haverá que afirmam uma constante da política multilateral portuguesa, no seu relacionamento atlântico e africano: refira-se a Cimeira União Europeia - Brasil, a Cimeira União Europeia - África e, ainda a Conferência de alto nível sobre “A Política Europeia de Segurança e Defesa (P.E.S.D) e a prevenção, gestão e resolução de conflitos em África”. Portugal, país assumidamente europeu que não renuncia à sua vocação atlântica e trás, para o seio da União Europeia, algumas das temáticas e problemáticas de povos e territórios que conhece, desde há séculos.

Os objectivos gerais da União Europeia exigem, de parte de todos os Estados Membros, um empenho permanente e a perda parcial da sua soberania. Melhor dizendo, em vez de “perda parcial da sua soberania” melhor será afirmar-se “a transferência parcial da sua soberania”. Essa atitude de confiança institucional permitirá, certamente, conseguir-se, “*Prosperidade, Solidariedade, Segurança e a elevação da União Europeia ao estatuto de parceiro global*”, nas palavras de Presidente da Comissão, Manuel Durão Barroso. São esses os 4 grandes objectivos da União Europeia que dois portugueses – José Sócrates e Durão Barroso – mesmo pertencendo a famílias políticas diferentes, tudo farão para concretizar.

Durante seis meses – seis curtos meses – Portugal assumirá, pois, o “reinado democrático” de um vastíssimo espaço cultural, económico, social, político e democrático. A tarefa é grande, o desafio enorme e as expectativas são muito elevadas. Viva o “Rei”.

A CORJA

Num livro com este título, Camilo Castelo Branco dava exemplos da corja lusitana e acrescentava que muitos outros haveria, que o leitor tinha a sorte de não conhecer e ele, escritor, teria a decência de não lhe apresentar. Hoje em dia, de nada serve a decência do escritor, porque a corja se apresenta a si própria nos meios de comunicação de grande audiência, se pavoneia sob as luzes da ribalta e faz gala em vícios antigamente privados como se eles devessem passar por públicas virtudes. Não sabemos se a corja perdeu a noção do que está bem e mal, ou se, conservando-a, perdeu simplesmente a vergonha. Para o caso pouco importa, porque o resultado é o mesmo.

O Portugal do século XXI é um país novecentista e camiliano, com enredos folhetinescos todos os dias. O poder é partilhado há trinta anos entre dois partidos de centro, que procuram e conseguem ultrapassar-se um ao outro pela direita, sempre que estão no poder. Para lá desta identidade fundamental está o burlesco e só no burlesco se encontra um pouco de sal para esta monotonia trintagenária.

Burlesco é tudo. É-o o primeiro-ministro que ajoelha perante a política norte-americana em tudo, menos no único ponto realmente digno de imitação: o tratamento simplificado de Miss Rice, Mr. Cheney, Mr. Bush. Não: o nosso Sócrates não



podia ser o sr. Sócrates, tinha de ser o “engenheiro Sócrates”, fossem quais fossem as peripécias de aquisição desse canudo. O resultado foi a farsa que se sabe, objecto de risota em todos os países estrangeiros onde chegaram alguns ecos do assunto. Burlesco é também o ministro da Indústria que fala da zona de maior concentração industrial do país como “um deserto”. Burlesco é o candidato do PSD à presidência do município lisboeta, que em poucos minutos confunde o instituto de património arquitectónico com a empresa de urbanização e esta com a companhia das águas. Enfim, a política portuguesa não se pode levar demasiado a sério. Mas como matéria-prima para o anedotário internacional vai tendo o seu valor. E sérias são as consequências, porque a corja que não se enxerga a si própria causa danos e destrói vidas, no meio da sua alegre irresponsabilidade.

PESSOA



Café Littéraire

simplesmente diferente



Linda Chaves



Arlinda Augusta Bessa Victor Chaves Frota, conjuga, em si, determinação, sensibilidade, cortesia e autenticidade. A pintura é um pedaço do seu lado emocional e sensível. Os trabalhos timbra-os com Linda Chaves. *“A minha pintura é um outro suporte de Emoções e Afectos”*.

Médica, especialista em doenças tropicais, iniciou a carreira artística em finais de 2001. As vivências culturais que foi intuindo em vários países de diferentes continentes - acompanhava o marido, diplomata - conjugam-se, harmoniosamente, com a sua cultura europeia de base. E, nesta, cedo mergulhou porque sua mãe, professora, pianista e pintora, sempre lhe proporcionou o contacto directo com a Arte e com universos de afectos e sensibilidades.

Vive desde 2002 na Coreia do Sul. Manifestamente atraída pela pintura clássica coreana, iniciou cursos de pintura em papel de arroz de cores, texturas e espessuras variadas, utilizando tinta-da-china, guaches, pigmentos naturais, misturas de pó de conchas marítimas e outros diferentes materiais aplicados em base de cola de animais marinhos.

Refere: *“A Medicina, como Ciência Humanística é permeável às artes e está muito ligada à criação artística”*. Se bem que, desde sempre, deu *“particular atenção ao lápis, ao papel, ao desenho, às cores”*, a porcelana tem ganho perceptibilidades na sua Arte e com ela vai descobrindo outras texturas e materiais.



galeria



“Portugal tem a longa tradição da Porcelana que introduziu na Europa”. E nesta contínua descoberta de si própria, hoje, pinta “ em porcelana e papel de arroz” .

Em Dezembro de 2004, na sua primeira exposição, em Ansan, Coreia do Sul, no âmbito das Nações Unidas (7º Exposição para a Paz no Mundo), foi agraciada por Kofi Annan (então Secretário - Geral da ONU) por dois trabalhos em porcelana.

Linda Chaves, conta já com 7 exposições individuais (duas em Seul e cinco em Portugal) e 8 colectivas (cinco em Seul e três em Portugal).

Outros projectos tem agendados para o corrente ano: exposição de 10 a 30 de Junho em Genebra, Suíça depois seguir-se-á Luanda, Angola.

Nesta obra, eivada de “Afectos e Emoções”, vale a pena olhar...reaprender belezas e sensibilidades nas suas criações.



Mafalda Oleiro



Jour de l'Europe – le 9 mai

O parque *Des Bastions*, em Genebra engalanou-se para festejar os **50 anos do Tratado de Roma** que ciou raízes para a Europa Comunitária do presente, com tendências para “alargar fronteiras”.

Dia 9 de Maio passaram pelo *palco comunitário* canto, música, teatro, bailado, animações várias que cada país seleccionou como cartão de visita.

O senhor Cônsul Geral de Portugal, em Genebra, Dr. Júlio Vilela, representou o nosso país na cerimónia de inauguração das festividades, ao lado dos outros representantes dos vinte e seis países presentes. As bandeiras nacionais ficaram a drapejar, no palco, colorindo ainda mais as actividades que nele se desenrolavam. Por Portugal, tivemos, no palco, o professor de guitarra clássica Alexandre Rodrigues e a professora de canto Isabel Balmori, com um Recital de

Música Portuguesa para Canto e Guitarra.

A álea principal do parque estava bordejada pelos *stands* dos vários países oferecendo seus produtos típicos, pratos tradicionais, bebidas e informação cultural.

Espectáculos de animação iam ocorrendo, ao longo da tarde, em frente dos pavilhões.

As presença da: Alemanha, Áustria, Bélgica, Bulgária, Chipre, Dinamarca, Espanha, Estónia, Finlândia, Grécia, Hungria, Holanda Irlanda, Itália, Letónia, Lituânia, Luxemburgo, Malta, Polónia, Portugal, República Checa, Roménia, Reino Unido, Eslováquia, Eslovénia e Suécia deram mais sentido comunitário à Europa do futuro.

Festa Cultural Portuguesa

A comunidade portuguesa acolheu com entusiasmo as manifestações que durante os dias 14, 15, 16 e 17 de Junho se desenrolaram na nos locais da *Ferme Sarasin, em Grand-Saconnex*.



A conferência sobre “Literatura e Cultura nas Ilhas Lusófonas: São Tomé e Príncipe, proferida pela Dra. Olinda Beja marcou o arranque deste certame seguido do Porto de Honra, oferecido pelo Cônsul Geral de Portugal em Genebra, Dr. Júlio Vilela.

Outras conferências versando: “Artífices do Saber” (Dra. Neiza Teixeira); “O Ensino da Gramática: Reflexão sobre o Sujeito e o Predicado” (Dra. Clara Amorim) e a apresentação do livro “Quinze Dias de Regresso” de Olinda Beja, por Júlio Ferreira, preencheram o calendário de sexta-feira.



Os alunos dos cursos de Língua e Cultura Portuguesas, coordenados pelos respectivos professores e pais, foram os principais actores das variedades representadas no palco. Houve danças, dramatizações, canções, desfile de roupa feita de material reciclado, poesia, contos... um sem número de actividades que mobilizaram uma assistência digna de nota.

Outros docentes coordenavam ateliês de Pintura (Helena Santos), Barro (Amália Ribeiro, Carla Silva e Fernanda Fernandes), Contador de Histórias (Olinda Beja), Jogos Infantis (Elisabete Moreira), Escutismo (Agrupamento em Formação em Genebra, José Carlos Miranda) e Blogues (Helena Freitas). Destaque também para as Exposições de: Fotografia de Rosalina Afonso e André Froidevaux; Artigos de Artesanato de Portugal; Trabalhos de Alunos



dos Cursos de Língua e Cultura Portuguesas. A alegria, a confraternização reinou nesta Festa Cultural Portuguesa que, pelo êxito alcançado, requer continuidade...Assim se espera e deseja para congregar, em harmonia, alunos, pais professores e comunidade em geral.

Main dans la Main – Suisse romande 2005 / 07

On se fait signes?

Os alunos do 9º ano, da escola secundária de Béthusy – Lausanne, coordenados pelo professor de Belas – Artes e Educação Visual, Ernesto Ricou foram contemplados no Concurso Main dans la Main com “Prix spécial du département interfacultaire d'éthique de l'Université de Lausanne” no valor de 5000 francos com a actividade **Les livres décorés**.

Sobre este projecto de turma, dos jovens do 9ºano (21 alunos) “La Boitothèque de la tolérance”

Pode ler-se: “Notre Boitothèque expose et mets en consultation sur 2 étagé, livres sur les thèmes: Amour, Santé-Maladie, Pays-Monde, Religions, Mort, Drogues, Homosexualité, Richesse-Pauvreté, Guerre-Paix; travail réalisé pendant 1 semestre en classe D'Arts Visuels. Travail de groupes (9) et de type collectif. Recherches en documentation fait dans la bibliothèque du collège. Long travail d'équipe ou l'antraide, la compréhension et la volonté – se donnent les mains”.

Éthique Planétaire

“L'idée d'une “éthique planétaire” remonte au livre *Projet d'éthique planétaire*. Sous la forme d'un programme, l'auteur, Hans Küng, y expose l'idée que les religions du monde n'apporteront une contribution à la paix mondiale que dans la mesure où elles réfléchiront à ce qui leur est déjà commun dans le domaine des convictions éthiques: à savoir un consensus de base relatif aux valeurs fondamentales, aux normes incontournables et aux attitudes essentielles de la personne.

Le “Projet d'éthique planétaire” s'appuie sur les convictions essentielles suivantes: pas de paix dans

le monde sans paix entre religions; pas de paix entre religions sans dialogue entre les religions; pas de dialogue entre religions sans recherche fondamentale dans les religions.



Tens entre 18 e 30 anos? Podes inscrever-te no 10º Encontro Europeu de Jovens Lusodescendentes que este ano será em Coimbra, de 5 a 12 de Agosto. Cerca de 60 jovens vindos da Europa vão reunir-se para festejar os 10 anos do Encontro numa cidade cultural de Portugal. Irá ter três temas: Formação, Descoberta e Festejo. É uma oportunidade para conhecer o património histórico, cultural e natural de Portugal e para conviver com jovens ludodescendentes vindos de vários países europeus. A participação é gratuita, ficando apenas a viagem a cargo do participante. A Caixa Geral de Depósitos é patrocinadora deste encontro. Podes encontrar toda informação e forma de inscrição no site www.ccpf.info ou através do tel: +331 44 62 05 04.

Formação: É uma efectiva semana de formação e encontro com organismos públicos e associativos.

Descoberta: Partilhar e encontrar jovens de vários países europeus, com diferentes sensibilidades e realidades associativas e culturais luso-descendentes, que pretendam viver uma semana de descoberta do património cultural, histórico e natural da cidade co-organizadora.

Festejo: Para comemorar o Dia Internacional da Juventude a 12 de Agosto, os jovens participantes no Encontro juntar-se-ão às centenas de jovens que serão convidados a deslocar-se à cidade acolhedora, para participar nas actividades propostas aos jovens.

Lobo Antunes

Prémio



António Lobo Antunes foi contemplado com o “Prémio Camões”, a maior distinção das letras da língua portuguesa. É médico psiquiatra e estreou-se nas lides literárias com o livro “Memórias de Elefante”.

A sua obra literária é muito discutida pelos críticos: ora endeusada, ora questionada, o que é normal em qualquer escritor.

Os seus livros estão publicados em várias línguas e em diversos países, desde a América do Norte e Latina ao continente europeu.

O exercício da sua profissão de psiquiatra, a vivência na guerra colonial de Angola e a experiência do amor, são substrato temático da sua obra que se situa no espaço cultural do “Nouveau Roman”.

Lobo Antunes, como todo romancista, não pretende apenas apresentar uma narrativa documental – crónica ou crítica social – mas cria um universo de linguagem e da análise psicológica próxima da condição humana e da vida.

Muitas são as escolas e os estilos que tentam retratar a sociedade. Gostaria de passar uma olhadela a três épocas que me parecem ajustadas a esta crónica.

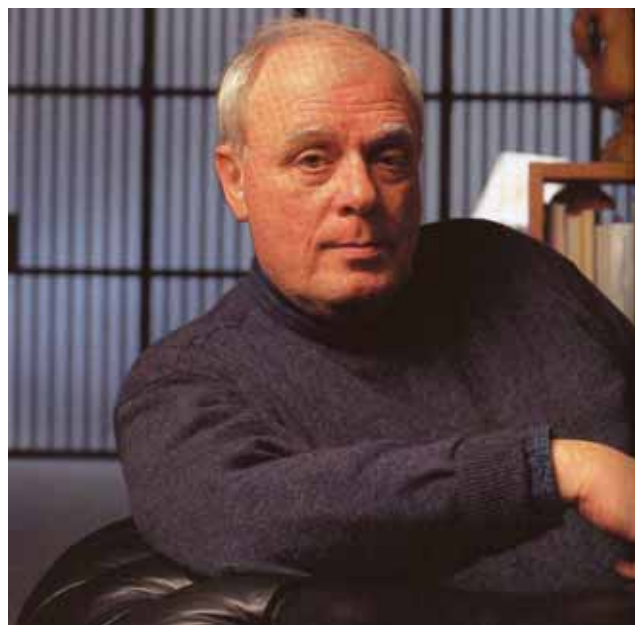
Desde os fins do século 19 aos nossos dias, o romance engata uma certa estrutura lógica definida, primeiro, pelo carácter emocional – o Romantismo; pelo carácter científico, em seguida – o Realismo e pela “metaficção” – o “Nouveau Roman”.

○ **Romantismo** é a escola literária que abre a época moderna. A psicologia do Romantismo assenta no tributo ao culto do “Eu”, contra a sujeição aplicada pelos Neo-Clássicos.

Revela uma ânsia profunda de alcançar todas as liberdades, abrindo os “diques”, a fim de se deixar arrastar pelas mais violentas paixões. O Romantismo entra em choque com a realidade concreta porque idealiza um mundo sobre “castelos de areia”.

○ **Realismo** vai buscar seus antecedentes à segunda metade do século XIX.

A Europa sacudida por novos ventos políticos, sociais, científicos e religiosos, reage com uma



Camões

nova arte de carácter cosmopolita. É o pensamento positivista que está subjacente a esta mudança. O positivismo proclama o advento da idade da ciência, contrariando o sentimentalismo e as forças que explicam o atraso do passado como, por exemplo, a religião. Libertos dessas forças retrógradas, o romance afirma-se agora científico e aproxima-se mais do inquérito sociológico do que da expressão da alma humana..

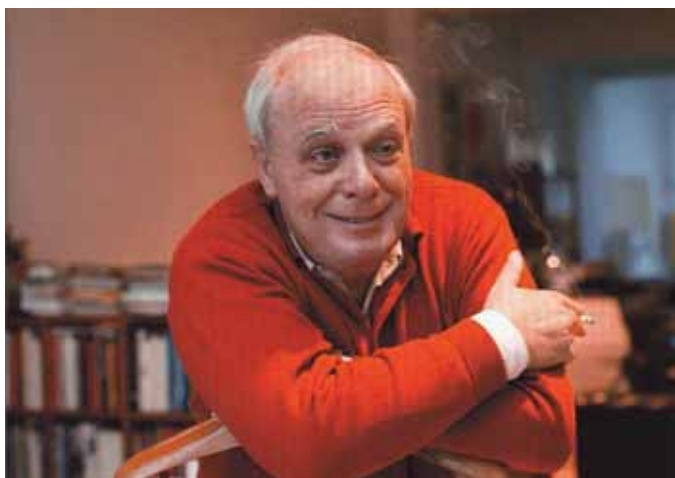
Eça de Queirós diz que o Realismo é a reacção contra o Romantismo. “O Romantismo é a apoteose do sentimento; o Realismo é a anatomia do carácter”.

O Realismo evoluiu, entretanto, para novas formas – o Realismo sociológico, ou o Neo-Realismo. A missão do escritor agora é também de resistência. Procura a temática nos condicionalismos sociais do homem, denunciando as condições de vida das classes oprimidas.

Outras tendências, porém, nasceram em pleno século vinte. As duas guerras mundiais, a influência das filosofias relativistas e a psicologia do Inconsciente de Sigmund Freud, causaram uma profunda revolução na complexidade dos problemas do pensamento.

“**Nouveau Roman**” – o “Novo Romance” aparece entre nós a partir da década de 60 e espelha experiências de vanguarda que no aspecto técnico apresenta algumas novidades: a destruição do conceito tradicional de tempo, de espaço, a modificação do estatuto do personagem e a indisciplina sintáctica que utiliza o calão, a gíria e até a obscenidade (in Hist. Lit. Portuguesa).

Paralelamente a esta ruptura formal com o passa-



Lobo Antunes com Cardoso Pires e Nélson de Matos

do, os ficcionistas do “Novo Romance”, agarram os temas da intervenção política e social na crítica a Ditadura e à guerra colonial, com relativa timidez, entre nós, antes do 25 de Abril mas muito mais à vontade após essa data.

António Lobo Antunes, na opinião de alguns críticos, representa o cume do modernismo português. Apaixona pela actualidade de uma temática bem presente na ideologia do referido 25 de Abril como, por exemplo, o parasitismo prepotente dos proprietários e latifundiários, no Alentejo. Apaixona uns e desaponta outros com expressões como: “os leitores são como as putas, amam-nos e depois deixam-nos”.

A trama da narração em Lobo Antunes é realista, extremista, talvez, mas a situação do homem no mundo é definida por uma sensação permanente de mal estar e de ansiedade.

Eu deprimida a Ocidente



cordei hoje com vontade de chorar e de fazer poemas. Sem razão. Sim. Sem razão. Está um vento quase ciclónico, furioso, arreatador, uma chuva pesada e fria que, pouco a pouco, deixa valetas cheias para depois partir e oferecer, como prémio de consolação, um raio tímido de sol que não dá para aquecer a “ternura” do gato que dorme enroscado no beiral da janela da minha vizinha. E volta depois a chuva, e volta depois o sol e volta a chuva, num ritmo enervante. Ainda por cima este barulho do vento nos meus ouvidos que já não sei se isto é mesmo vento ou é a minha imaginação a produzir ventanias na minha cabeça cansada de chuva e de sol e de vento e de mar. Tem dias que eu não percebo por que é que as pessoas vivem aqui? Porque é que eu vivo aqui e muitos como eu, que parecem fartos de vento? Acho mesmo, nalguns dias, que devíamos fugir todos deste massacre da chuva e viajarmos, com carácter definitivo e urgente, para uma terra grande com hipermercados, com sol, com gente e com vida, donde não se avistasse o porto, onde não se soubesse quando vem o vapor ou o que aconteceu ontem na esquina de cada rua. Podíamos ir todos num barco. E nem era preciso que o barco fosse grande coisa. Um desses cargueiros que trazem carga e comida, dava perfeitamente. Nós todos em pé (os florentinos não morrem sentados) a acenar um adeus definitivo a este bocado de terra “mal parida” com tanto vento. Está-me a “lixar” esta lágrima que caiu agora dos olhos quando vi, dentro de mim. O tal cargueiro e nós, todos lá dentro, a acenar.

Mas porquê se está tanto vento? Por que será que quem nasceu no meio do vento não gosta de calmarias? Sou tão louca, eu. Sei que sou. Já mo disseram um monte de vezes (os mais simpáticos falam em loucura saudável, mas, cá para mim, loucura é doença mesmo) Mas acho que gosto de ser assim. Mais. Estou quase convencida de que meia dúzia de pessoas, daquelas que me conhecem a fundo, também me acham uma “miúda” porreira, mesmo doida. O Francisco Sousa, a quem chamamos de forma ternurenta “o chefe”, afirma que, nas Flores, tudo é possível, graças à tal loucura que, para ele não é saudável ou insana, é loucura. De qualquer forma, como o Francisco até é um



homem (com H) merece ser tratado como trata toda a gente, ou seja, com respeito e amizade carinhosa, eu sei que ele até adora a “doida” que lhe mandaram das Flores para lutar com ele e com a legião de gente que, nesta Região, se ocupa do futuro da Educação dos filhos dos açorianos nas pessoas dos seus agentes. O Francisco, sendo meu pai espiritual, em



conjunto com o Manuel Gabriel, o terceirense mais giro que eu conheço e o colega e amigo mais coerente que tive e desejo conservar para sempre, são os dois homens que, neste mundo, podem dizer-me tudo o que quiserem porque dizem sempre coisas com as quais aprendo e à custa das quais cresci. Daí, este afecto que nutro por ambos que só tem dignificado a minha vida e a minha militância no trabalho que realizo de forma empenhada. Às vezes, ao fim de três dias de trabalho que é sempre luta, quando relaxamos para jantar e falamos das coisas da vida, dos colegas e da vida, fico ao lado deles falando disso e das Flores.

O Manuel sorri e diz sempre com ternura, tratando-me por “pequena” que eu adoro as Flores. É a conclusão dele. Óbvia ao ponto de não a colocar à votação (ele nunca decide sozinho senão nestas coisas). Ao princípio “lixava-me” esta conclusão tão anárquica, mas agora percebo que quando ele me deixa “pendurada” nas Flores é porque considera a ilha o cabide que melhor suporta o fato pesado das minhas angústias existenciais. É porque já me entende muito melhor do que eu penso.

Saio bastante das Flores. Praticamente todos os meses, por uns dias. E, de facto, é sempre uma festa voltar a esta humidade bafienta quando a

estada se prolonga por mais dias. O meu psiquiatra tenta explicar-me esta coisa com teorias que vêm de gente muito ilustre que percebe de loucura e de medos, mas eu é que ainda não percebi que magia tem esta “porcaria” de terra para me prender desta maneira. E é desta revolta que saem risos, lágrimas e loucura. Saudável ou não. Só nunca sai pena porque eu já não tenho pena de quem vive aqui. Não. É estranho. Mas é verdade. Não tenho pena. Como se achasse mesmo que é uma sorte viver aqui no meio do vento.

Se calhar é mesmo uma sorte viver no meio do vento.

Do meu gabinete de trabalho chamo o António. Explico quem é. Primo. Filho de uma irmã do meu pai, só não nascemos do mesmo ventre para não sermos irmãos de sangue. Assim, somos irmãos gémeos na alma. O António é um homem bonito, sofrido, poeta, generoso, bom... Tempera as minhas emoções sempre num tom doce, conciliador, perfeito. Aceitamo-nos como somos, com defeitos e virtudes que identificamos, reconhecemos e assumimos sem medo. Somos uma espécie de memória ou consciência um do outro. E as nossas confissões em voz alta são sempre confissões gratuitas dos nossos erros e das nos-

Eu deprimida a Ocidente



sas secretas promessas de emenda. O António já perdeu muita gente que amava e que a morte arrebatou de formas pouca oportunas. Convive com a vida de forma muito mais realista do que eu. Foi por isso que agora, há pouco, o chamei num grito, como sempre faço:

- Antóooooooooonio!

E aí vem ele a correr, sem saber se me encontra a rir ou a chorar e a perguntar, com o seu sorriso maroto de menino, se me magoei na secretária, se me dói a cabeça ou então se é da alma. Ele sabe que, quase sempre, é a alma que dói até não poder. Chamei-o para lhe ler este escrito. Ouviu com atenção e, no final, perguntou-me:

- Queres fazer um poema?

Eu sei que ele tem um monte de poemas na gaveta. Por isso aceitei o desafio. Fizemos um poema usando para mote a primeira letra do alfabeto, assim como quem quer começar tudo de novo, como se tudo fosse nada e nada fosse tudo. Tendo que começar por uma ponta, aí vai um poema ao “A”, fabricado a dois, como numa sinfonia a quatro mãos.

“A” de aqui,
d’aquém,
d’ali,
d’acolá e d’além.

“A” de Adão,
de Afrodite,
de Adamastor,
de acto
e de actor.

“A” de ácido,
d’albumina,
d’acto
e d’aspirina.

“A” d’agrura
d’ardor e de amargura;
“A” daquele e daquela,
d’agora e d’amanhã,
de apenas
e assim...

“A” de amém!
De adeus!
... e de amor?

“A” de António
sem A de ti.
Com “A” na loucura
e na ternurA.
sempre sem A de ti.

“A” no meio da verdade
e no fim da mentira
“A” de despedidA
e de raiva contidA

(“A” i) de mim e de ti.

Sob o signo do fogo

Nas ribas a norte do Tejo
Nasci em pleno estio
Sob o signo do fogo em
Terra outrora propícia a carvalhais e soutos
Entre ouriços muita penugem deixei
Neste cantinho, ao abrir as asitas, que trabalhos senti
Para poder ir além de passarinho...
Rigorosamente educado ao valor do piar
Mãe disse que palavra dada seria
Pai que vida é mais de espartano do que soprano
Mestre que pela verdade se deve lutar com alma e fel;
Assim, ontem e hoje, me mantenho fiel e sólido a rochedo.

O tempo chegou do levantar da térmica corrente;
Da acção e do voar o apelo fez-me correr para o céu
Descobrimo que tinha no sangue muito de ave de arribação.
Desci em escuro véu rasgado por forte tempestade algures a meio dos
Trópicos tal eram as bâtegas, a força do vento e os relâmpagos...
Desprotegido das intempéries construí em alto beiral –
Da água e da lama com o bico fiz muito tijolinho –
Que solidamente alinhado se tornou ninho.

De vida assim tem sido a teia
Entre a negra África
E a branca Europa
Sem destino ou com rumo
A lição, o alimento ao outro dado
Diariamente
É sangue, é seiva
Que nos corre nas veias!

Miguel Passarinho

**É bom
tê-lo connosco.**



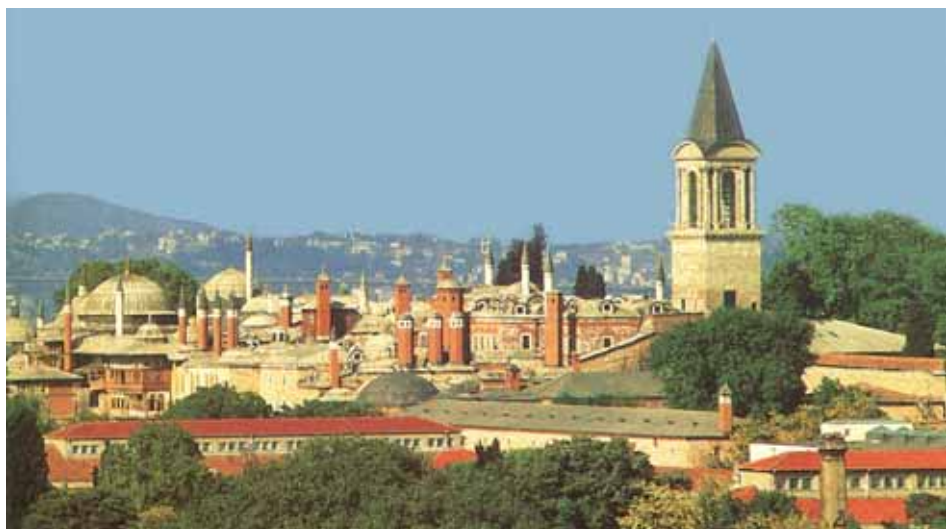
No Harém dos Sultões de



A residência privada e oficial da dinastia otomana, num total de 36 sultões, em Istambul, o palácio Topcapi, é vizinho da antiga Basílica de Santa Sofia. Foi durante quase cinco séculos, de 1475 (MehmetII) ao séc. XX, residência principal dos sultões. Cada um deixou marcas pessoais: miradoiros sobre o mar da Marmara e Bósforo, quiosques, salas de recepção, mesquitas, *hammam*, biblioteca, pátios, corredores, embelezamento de determinados quartos. É constituído por uma fusão de dependências evocadoras da origem nómada dos ocupantes, fazendo lembrar tendas petrificadas, postas na natureza. Explorar os muitos hectares desta cidade dentro da cidade, calcorrear corredores, deambular, da direita para a esquerda, por quiosques, salões, pequenas células, permite-nos fixar um olhar atento sobre um palácio e a sua história sem equivalência entre as monarquias ocidentais. Incurião que pode ajudar a encontrar alguma grandeza e miséria do Império.

A entrada, *Porta Imperial*, foi construída em 1478 por Mehmet II, o Conquistador, vigiada, actualmente, por dois militares, onde outrora havia meia centena e, nos nichos, era hábito expor as cabeças decapitadas dos súbditos caídos em desgraça.

O primeiro pátio dos *Janissários*, tem, de notável, a igreja de Santa Irene. A passagem para o segundo é feita pela *Ortacapi*, porta do meio, construída em vida de Solimão, o Magnífico, em 1524, por prisioneiros húngaros. Só o sultão a podia transpor a cavalo. Era neste espaço que se desenrolava a vida pública do palácio, entronização do sultão e se tomavam decisões relativas ao futuro do Império. Do lado esquerdo está o edifício que foi sede do Conselho Imperial até ao séc. XVIII,



Vista parcial do Harém

encimado por torre de vigia, conhecido por *Divan*, onde se tratavam os negócios correntes do Estado e local de entrega do pré à tropa e, no exterior, a multidão furiosa manifestava o descontentamento, em épocas de crise.

O *harém* está implantado nesta ala e continua pelo lado exterior do terceiro pátio. É composto por quase 300 quartos, mas só menos de um décimo está aberto ao público. Casas de banho, cozinhas, mesquitas, celeiros, piscina, enfermaria, quartos individuais, camaratas, celas e apartamentos encaixam-se em labirinto. Os primeiros apartamentos do *harém* foram concebidos pelo arquitecto Sinan, no tempo de Solimão, o Magnífico, a pedido da favorita Roxelane, escrava cristã de origem eslava.

Toda a decoração actual é do séc. XVIII. O número de mulheres, virtuosas da beleza, era próximo dos 1000. A mais importante era a rainha mãe (*valida sultão*), como abelha mestra, depois até meia dúzia de favoritas (*kadinlar*), as mães de um descendente (*kadin*) e as que o sultão tinha amado (*odaliscas*), vulgarmente conhecidas por concubinas, depois um nunca mais acabar de parentes, domésticas, amas, costureiras, músicas, dançarinas e escravas.

Istambul

Só o sultão tinha o direito de entrar neste universo de disciplina mais de instituição religiosa ou militar do que dum lugar de deboche. Que ele podia unir o sultão a tanta mulher enclausurada no seu *harém*? Um canto de afectos, de sentimentos ou só de sexo e traição? Espaço dominado por chefe canibal, sequioso do sangue e da carne das suas vítimas?

As “frangas de ouro” ou “pérolas raras” do *harém* eram compradas, por vezes, com 5 / 6 anos, no mercado de escravos ou subtraídas, à força, do seio de grupos étnicos heteróclitos. Cristãs, ortodoxas, gregas, arménias, muçulmanas, judias, caucasianas, eslavas, ao tentarem suplantar-se no altar da fruição, fazem-nos mergulhar sobre as raízes históricas da sedução no sagrado amor, de que tipo de sociedade? Acediam, neste espaço, até ao início do séc. XX, na escola do serralho, à instrução, ao canto, à música, à dança e à arte da dissimulação.

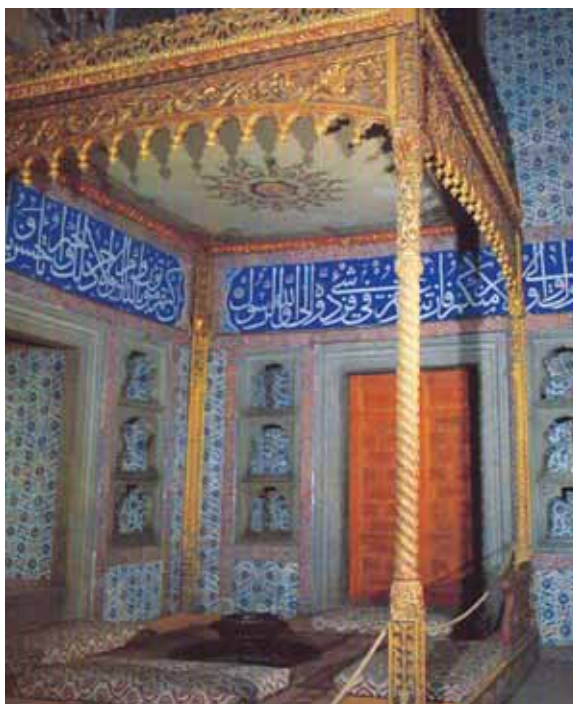
Muitas tinham a arte de convencer e serem exímias no deitar de palavras e gestos nos olhos do sultão, fazendo deles o leito da tenda carnal implantada no quarto de Murat III, decorada com baldaquino dourado (séc. XVI) e paredes revestidas de faiança azul de Iznik. Deste modo eram educadas para lutarem com armas e talento necessários quando achavam chegada a sua hora de empreender a caça ao tesouro, incarnado na figura do sultão.

Em dias especiais, na sala do trono ou de festas (*Hünkâr Sofası*, séc.XVIII), digna de um conto de *As Mil e Uma Noites*, grupo de músicos tocava na tribuna, voltados de costas para a assistência, vigiados por eunucos negros do Egipto, castrados e assexuados, vivendo entre mulheres como eremitas e que, em época de fausto, chegaram a ser 600.

As odaliscas, virtuosas dançarinas do ventre, em volta do qual giravam anéis, quais planetas brilhantes, tinham que sobressair para fazer cair sobre si o lenço do sultão, sinal de escolha para



Um dos pátios das favoritas, no Harém



Cama a *baldaquino* na sala do Sultão Murat III

encontro na intimidade. Depois deviam lutar para manter essa chama viva de modo a não perderem a posição alcançada e, se possível, ter um filho do sultão e a esperança de um dia vir a ser *valida sultão*.

A suspeita, a intriga, a eliminação pela vizinhança invejosa, tornavam o *harém* um lugar de amor complicado... Enclausuradas na fronteira da Terra, do paraíso, do inferno? Banhadas na ternura, piedade, amor, ódio? Quem pudesse levantar a saia da palavra ou sondar o corpete da frase, que surpresas nos esperaríamos abafadas pelo choro, sussurro, suspiro, vindo da sala da fonte (*Cesmeli Sofâ*, séc. XVII) e o crepitar da fogueira da (*Ocakli Sofâ*), na proximidade da qual ocorria o festim e a orgia? Se fenda sulfurosa e divina se abrisse entre

No Harém dos Sultões de Istambul



Kushane Kapisi (Porta) – actual saída do Harém

o teclado batido por dedos comunicantes, poderia ser que musa inspirasse romance conventual saramaguiano, impregnado de exotismo, conjugado de tragédia e humor, modernidade e tradição, realismo e poesia. Imaginemos só uma odalisca que, no final da vida, resolve escrever as suas memórias, recordações de infância e juventude, abrindo de par em par as portas da intimidade do *harém*, os conluios tramados pelas rivais, os assassinatos, transpostos em imagens impregnadas de pormenores enquanto observadora e actora. Mas algures haveria lugar para amizades sinceras, cúmplices, que à força de energia e ternura, dariam uma nota de humanidade e amor verdadeiros.

Ressuscita nessa posição um passado trespassado por vagas de contentamento, de remorsos e de vingança, acontecimentos escaldantes que riscam, a cada página, de explodir como uma bomba.

Crónica grandiosa de alcova dos últimos meses do Império, antecâmara da Revolução do herói Mustafa Kemal, e onde tão próximo o frio da miséria do povo convive com o doce viver do sultão, aquecido nas quentes brasas aticadas e postas em braseira pelas concubinas e no rescaldo a água era tão escassa...

Guia de conhecimentos da arte do amar das favoritas, passando pelo preliminar até ao mais profundo do jogo erótico; o caminho do prazer pavimentado de subtilidades até a um requinte que nunca acaba de se revelar.

Quando a escravatura foi abolida, no séc. XIX, e deixou de fornecer o *harém*, eram os próprios turcos, livremente, que cediam as filhas, com a esperança de assim as fazer sair da miséria, sua sorte quotidiana.

A morte ou o assassinato do sultão faz vacilar e mergulhar todo o *harém* num desarranjo total, quebra do brasão da mãe do sultão e das odaliscas que dele tiveram filhos. Para quem estava só para servir e por quem o sultão nunca se tomou de amores, seria o momento de cerzir toda uma série

de destinos quebrados que do sofrimento e opróbrio se libertaram. Conquistaram a liberdade e a família e também possivelmente a rua onde não se curam feridas. O novo sultão inicia um reinado esvaziando o *harém* e novo processo de recrutamento começa num espaço com tantos segredos por desvendar e oceano tormentoso de amor a reinventar. Na dança, num olhar, em dia de frio em Istambul, junto da lareira que crepita, podia estar a chave do sucesso.

Espaço com tanto por saber e, por isso, viagem sempre incompleta, conhecimento difícil de partilhar, que nos leva só a pressentir a atmosfera deste retiro, os habitantes, o modo de vida, a mentalidade.

Ao contrário dos monarcas ocidentais, a vida privada do sultão não suportava intrusão. Vivia só no *harém*, sem corte e comia sozinho. Não se afeiçoava a um quarto particular e, onde decidia dormir, mandava pôr a cama com o mosqueiro, reminiscência da tradição nómada.



Vida no Harém

Observatório de Genebra

O Sonho europeu



Nunca como hoje, a Europa se viu tão assediada pelos povos de outros continentes que, fugindo a desmandos, misérrimas, guerras e fomes, tentam por todos os meios nela entrar. Alarme generalizado no *Velho Continente*, já esquecido das vagas de emigrantes que, ao longo de muitos séculos, espalhou por tudo quanto era sítio: África, Ásia, Américas. E agora, nesta terra de tantas civilizações que tornaram a Europa uma realidade, é chegado o momento de – **na medida do possível** – retribuímos o acolhimento que, anteriormente, nos foi dado noutros lugares da Terra.

A comunicação social bombardeia-nos diariamente com uma avalanche de catástrofes ligadas à imigração clandestina. O sul europeu é considerado como a porta natural de entrada neste continente, sobretudo para clandestinos provenientes da África e do Oriente. Por isso, separada ou conjuntamente, os países mediterrânicos e os outros estados da União Europeia tomaram medidas de controlo sobre as diferentes rotas percorridas por quem, a todo o custo – se preciso, a própria vida – aqui pretende chegar. O problema atingiu proporções inimagináveis: em jogo, a segurança interna do continente europeu e a harmonia nas relações Norte-Sul. Que podemos nós, habitantes de uma Europa rica e em paz, fazer por aqueles a quem o *destino* desfavoreceu? O que nos leva a fechar-lhes a porta na hora em que mais precisam? Qual a origem dos nossos medos? Tantas perguntas sem resposta, para um estúpido egoísmo que fere a sensibilidade e os sentimentos dos poucos que se mantêm em estado de alerta. Num mundo onde o *crecimento*

económico se sobrepôs às próprias leis da razão. Porque as *valas* de Ceuta e Melilla se tornaram inexpugnáveis, os desesperados rumam com os seus «*cayucos*» às Canárias e desembarcam em Tenerife, Gran Canária, Lanzarote. Porque os países do Magreb se vêem atravessados diariamente por subsarianos em busca do eldorado europeu, só lhes resta fechar os olhos à actividade das mafias locais, que se encarregam de *reexportar*, via Mediterrâneo, os fugitivos da seca e injustiça africanas. E porque alguns



países de Leste – recentemente entrados no rico clube da União – deixaram de lhes facilitar a *passagem*, não resta aos deserdados da plataforma asiática outra alternativa, senão, infiltrarem-se pela Turquia e Balcãs, parentes pobres da *irmandade de Bruxelas*, batendo-nos à porta. Não é, pois, com esmolas que acaba a pobreza; nem com expulsões a clandestinidade. Nem sequer o conceito sarkozista de imigração escolhida fará da França um país imune a *indesejados*. Que fazer, então, para que a Europa-fortaleza não tombe numa xenofobia e racismo incontroláveis? Imitar os norte-americanos na construção de um muro de separação,

Observatório de Genebra

O Sonho europeu

como eles fizeram com o México? Talvez que, para acabar com esta gritante desigualdade, tenhamos de admitir de uma vez por todas, a enorme responsabilidade da colonização imposta por muitos estados europeus à maioria dos outros povos. **Como reparar o erro colonial?** Através da instauração de um comércio equitável com os países pobres, acabar com o gasto desenfreado dos seus recursos naturais, e neles instalar as infra-estruturas necessárias ao desenvolvimento durável, não poluente, harmonioso, criador de riqueza e empregos locais ... E convidar os dirigentes das outras potências económicas a fazerem o

mesmo. Senão, seremos confrontados a sucessivas vagas de imigração contra as quais a repressão seria ineficaz e insuficientes as esmolas. Pior, o medo instalarse-ia, inevitável o aparecimento de grupos de auto-defesa. Seria a *caça às bruxas* e, como corolário, o *fim da democracia* para todos nós.

Faz-nos falta o bom-senso. Precisamos de gente corajosa para conduzir os destinos desta Humanidade inquieta. Resta-me pedir ao Criador do Universo que tenha compaixão da Sua obra, iluminando o espírito dos que governam o triste mundo em que vivo.



A sua emissão de rádio
em português

NOVO HORÁRIO

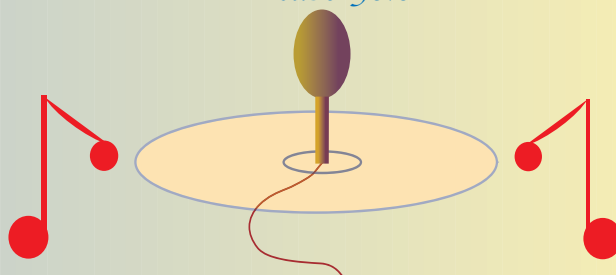
Sábados e Domingos

17h / 18.30h

Genève, 92.2 FM

cabo 98.6

Case postale 1111 • 1211 Genève 1
Tel: 022 309 09 58 / 022 309 09 59
hl@horalusitana.ch
www.horalusitana.ch



Helder Costa

Escritor, Dramaturgo, Encenador e Actor

“Quem não tem medo do teatro é quem ama a vida, quem aceita as suas contradições e quem sabe que o mundo está em eterna transformação”

Estudou Direito em Lisboa e Coimbra, é Licenciado pela Faculdade de Letras / Institut d'Études Théâtrales – Sorbonne, Paris.

A par da actividade literária é Director do Grupo de Teatro **A Barraca** (Lisboa).

Participou no CITAC (Coimbra); foi presidente do Cénico de Direito (duas menções honrosas no Festival Mundial de Teatro Universitário de Nancy – 1966/67). Fundador do Teatro Operário de Paris (1970). Assistente de encenação e co-autor com Luís de Lima e Luiz Francisco Rebello do 1º espectáculo criado a seguir ao 25 de Abril: “Liberdade, Liberdade” (1974). Encenador no Grupo de Acção Teatral **A Barraca** (Prémio Unesco 92) Dirigiu vários espectáculos e cursos em Espanha, Brasil, Dinamarca e Moçambique; dirigiu cursos e participou em congressos, festivais e filmagens em mais de duas dezenas de países.

Tem mais de 30 peças editadas e montadas em vários grupos, em Portugal e outros países.

Algumas peças abordam situações e personagens da História e Cultura de Portugal (*sem historicismo, mas com o objectivo e preocupação de se tirarem lições úteis para o presente*); outras peças incidem, de forma absurda e satírica, sobre situações da política internacional contemporânea e comportamentos individuais e colectivos.

Peças com montagens internacionais : “O Príncipe de Spandau”; “Zé do Telhado”; “D. João VI”; “Calamity Jane”; “Mi Rival” e “O Incorruptível”.

Tem várias crónicas publicadas em “Jornal do Fundão”, “Ecos de Grândola” e “Arrifana”, de Penafiel”.

Entre várias obras editadas podemos referir: “O saudoso tempo do fascismo”; “O Incorruptível”; “Queres ser ministro?”; “BushLândia”; “Nau Catrineta”; “Marilyn, meu amor”; “O Príncipe de Spandau”; “Mi Rival”; “Um homem é um homem – Damião de Góis”...



Muitas barracas se armam por este país fora e há quem as arme por tudo e por nada. Mas esta BARRACA é especial. Como é que este Grupo de Teatro adoptou este nome?

O nome a “Barraca” é uma homenagem ao Grupo “La Barraca” de Garcia Lorca. Foi criada em 1936, na altura da República Espanhola; eles arranjaram uma carrinha e andavam fazer teatro pelas aldeias, pelas populações da Andaluzia. Era uma experiência interessantíssima... depois ele foi assassinado e

quando pensámos, a seguir ao 25 de Abril, em criar um teatro, porque só era possível criar a seguir ao 25 de Abril, pensámos que era importantíssimo conseguir levar o teatro a todo o país, porque não havia, era proibido, e daí veio o nome.

E decidiram fazer o quê?

O que é que nós decidimos fazer? Aí é que está a diferença. Nós achámos que o problema fundamental deste país, era o problema da existência da

Hélder Costa

Censura e o problema da falta de educação, de instrução e de conhecimento. Decidimos fazer uma programação, a maior parte das coisas ou praticamente todas, fui eu que escrevi e tinham a ver com a história e cultura de Portugal. Por isso nós criámos uma relação privilegiada com os professores, com as universidades porque trabalhamos temas que, na altura do Salazar, eram proibidos.

Assim sendo, os temas referenciam sempre uma época histórica ou uma personalidade que foi marcante, ideologicamente?



Sim o processo é sempre esse. Criar os temas e conseguir desmontar as vigarices, as mentiras que tinham sido ditas durante dezenas de anos. Isto foi um vector fundamental do nosso trabalho. Todos os anos fazemos peças que tenham a ver com a História de Portugal e com a cultura de Portugal, pode ser o Camões, pode ser o Gil Vicente, o Damião de Góis, figuras da cultura mas também os reis, o Zé do Telhado; quer dizer, são temas que têm a ver com a vida das populações, com os

monarcas... Isto é um vector. O outro, que também fazemos, todos os anos, são peças que têm a ver com uma intervenção directa sobre a situação actual, política, sociológica... Umas sou eu que as escrevo, outras são peças de autores estrangeiros que nós consideramos da nossa família. Foi por isso que estreámos em Portugal o Dario Fo; em 1980, estreámos Woyzeck, Fassbinder, ou seja, toda uma série de autores que nós pensamos que têm uma intervenção directa sobre o mundo actual.

Neste contexto, o Hélder, assume, ao mesmo tempo, os papéis de autor, de ensaiador e actor.

Nós aqui usamos o termo de encenador, ensaia, sim, mas é o processo de encenação. Antigamente usava-se a palavra ensaiador porque, ou não havia cenários ou era sempre igual: “vai para aqui, vai para ali”. Actualmente o trabalho em teatro já está mais desenvolvido. Somos obrigados a pensar por que é que há aquela cenografia, por que é que há aquela música, tudo. É a figura do encenador que, por exemplo, no Brasil, Espanha e Itália é denominado pelo termo director. Às vezes há uma confusão porque as pessoas julgam que encenador, é relativo a cenografia; encenador é pôr em cena. Por conseguinte é esse trabalho geral, que é complicado, porque engloba tudo. Tudo o que existe no espectáculo é da responsabilidade dessa pessoa.

A vossa linha ideológica é bem aceite?

A nossa linha ideológica é muito simples, é uma linha que se define por fazermos um teatro popular sem ser populista, fazemos um teatro culto sem ser elitista, é esta a questão. A dificuldade é: como é que chegas ao povo? Não é com a anedota ordinária. Como é que manténs sempre o nível, para, precisamente, através do espectáculo, além da pessoa se divertir, rir e se emocionar, ficar com mais alguma coisa na cabeça para pensar e para evoluir, para ser melhor cidadão no seu ambiente, e não só espectador de teatro?

Escritor, Dramaturgo, Encenador e Actor

A Barraca, enquanto espaço físico, é o local de um grupo restrito, ou cede as instalações a outros actores para apresentarem os seus trabalhos?

Isso é certo. Normalmente temos uma lista de grupos que nos pedem para se apresentarem aqui. São muitas vezes brasileiros, espanhóis, estudantes e amadores... e abrimos as portas.

Abrem-lhes as portas com prazer?

Para já, com todo o prazer, porque nós achamos que isso é uma responsabilidade nossa, na medida em que recebemos algum dinheiro do Estado e achamos que, no mínimo, é devolver esse dinheiro a outras pessoas.

“Nós não temos a mania da perseguição, nós temos a certeza da perseguição.”

A Barraca recebe os mesmos subsídios do Estado que outras companhias de teatro que existem por aí ...

Não, temos esse problema. Por conseguinte temos uma média... recebemos quatro vezes menos do que companhias que têm o nosso tempo. Isso não tem explicação, mas eles não justificam, não dizem. E é realmente mau, não só porque é uma injustiça e não é esclarecida, e tudo o que é injusto tem de ser esclarecido, mas também porque se nós tivéssemos outras possibilidades, podíamos desenvolver mais coisas. A questão é essa.

O vosso trabalho é reconhecido internacionalmente? Têm-se afirmado lá fora como se afirmam aqui?

Os prémios que tivemos foram de uma enorme relevância porque eram festivais internacionais. Em 1978 e 79 nos Festival de Sitges, em Barcelona, é um festival internacional impressionante e na mesma noite, ganhámos o prémio do melhor espectáculo, com “Zé do Telhado”, da minha autoria, e passados cinco minutos eu ganhei o prémio



de texto com “D. João VI”. Em cinco minutos ganhámos dois prémios... Até há uma fotografia minha com a malta toda em cima de mim. Isso foi uma coisa realmente inacreditável porque nos projectou, e foi logo em 78, nós tínhamos começado dois anos antes; uma entrada incrível! No ano seguinte voltámos lá a ganhar prémio. No Brasil ganhámos prémios em 80 e 83. Só estou a falar dos mais importantes ... Outro prémio, incrível, que ganhámos, foi o da Exposição de Sevilha. Nem sabíamos que existia esse prémio, ainda por cima. Já agora conto um incidente, para se ver como estas coisas interessantíssimas se passam. Para a preparação da Exposição de Sevilha, o Pavilhão de Portugal era coordenado pelo Graça Moura. Estavam também o João Mota, o João Lourenço, e houve uma reunião sobre o que é que se podia fazer. Eu tinha falado com a Comissão dos Descobrimentos para nos darem algum dinheiro, ao menos para nos pagarem as viagens, nada! Não tinham... o que é engraçado! Quando chegámos, eu e a Céu fomos a um almoço com o Graça Moura, um almoço realmente muito interessante (!!!), passou o tempo todo a falar dele, da sua poesia, das suas coisas...

Estavam num certame tão importante e sem ajuda nenhuma!!!

Como disse, nós não tivemos qualquer ajuda monetária. Deram um subsídio a um grupo para ir, e nós não tínhamos nada... mas tínhamos que par-

Helder Costa

ticipar, e aconteceu. Aquilo era um sem número de espectáculos, imensos espectáculos, e nós ganhámos o prémio. Então, foi muito engraçado, porque quando o fomos receber também fomos chamados para ir assinar o livro, era o Livro da ONU e... lá estava ele, Graça Moura, para a fotografia. Estas são as verdades destes desgraçados... depois acham que nós estamos sempre a dizer isto e aquilo... Os gajos ainda não perceberam, por exemplo, *o Pranto de Maria Parda* não puxa pela revolução, é do Gil Vicente, século XVI... - vocês acabaram de ver, há pouco, *o Felizmente Há Luar*, que conta a opressão imperialista - ou seja, nenhuma peça diz "Viva a Revolução, vamos destruir estes gajos", eu não foco isso. Eu faço é tudo aquilo que eles dizem que é preciso fazer. Eles dizem: "é preciso defender a História de Portugal", eu defendo, "é preciso combater a corrupção", eu faço. Eu sou um laçao do Governo, tudo o que eles dizem eu, "sim senhor". E depois dizem que estamos a... o que é que querem mais? É a minha técnica, eu vou é no caminho deles. Por exemplo, decidi fazer uma peça sobre o Humberto Delgado porque fui convidado, este ano, para a homenagem. Foi uma grande festa, uma coisa extraordinária, eu lá estava naquelas cadeiras principescas à frente, com os militares... havia uma miúda a dizer uns poemas... e depois aquilo terminou com o Cavaco a fazer um discurso de homenagem a Humberto Delgado. Eu pensei, "ora aqui está! eu tenho que fazer uma peça dado que o meu presidente, que é um rapaz como deve ser, está a homenagear, eu tenho que imitá-lo! Servir de laçao". Então, pimba! Fui fazer uma que ele vai gostar muito, porque é sobre o Salazar, o padre, as vigarices do Salazar, é fresca, pronto! Ele tem que ir assistir à estreia.

É evidente que eu sou de esquerda e, ainda por cima, assumo que sou; e há uma coisa que os aflige imenso: é que eu não tenho partido político. Isso é uma coisa desagradável: "Ah! É que se o gajo tem partido político está ali a...". Eu não sou indepen-

dente, já expliquei, sou dependente da esquerda, sou dependente do antifascismo, sou tudo! Eu sou contra o fascismo, contra o imperialismo... Por conseguinte, sou um disponível para isso, mas sou a sério, não sou independente. Será preciso ser de um partido de esquerda? Não. A minha posição é clara e é claro que se eu estivesse num partido qualquer, tinha subsídios, a sério! Eu percebo, mas não me dá jeito, e acho que A Barraca deve ser isso. Eu, tal como a Céu, temos a mesma posição: somos pessoas de esquerda, claríssimas, em luta. As pessoas que entram no grupo não são obrigadas a ser seja o que for, mas olham e vêem e, a partir daí, são o que são.

Retrospectivando estes 30 anos de trabalho, na Barraca, qual ou quais as peças que lhe deram mais gozo, pela contundência dos temas.

É muito difícil porque são muitas, não digo que sejam todas, mas algumas são muito, muito, marcantes. Há uma de que toda a gente fala ainda, seja aqui, seja em Espanha, seja no Brasil, e que foi a minha estreia a escrever e a dirigir ao mesmo tempo, que era "D. João VI", com o Mário Viegas. Foi uma peça incrível. Mas depois, é difícil, o "Fernão, Mentese?" sobre a *Peregrinação* do Fernão Mendes Pinto, esteve anos em cena, foi uma coisa incrível do ponto de vista musical. As músicas foram escritas de propósito para a peça pelo Zeca Afonso, pelo Fausto e pelo Orlando Costa. Há outra, "O Baile", em duas horas perpassa a vida de Portugal desde 1930 até 1988, foi com ela que me estreei. Duas horas a contar este período todo, sem uma palavra. Os espanhóis vieram cá assistir e, depois, fui convidado para Espanha, fazer em Barcelona, com a mesma técnica que tinha utilizado, a História de Espanha e da Catalunha. Foi giro, ganhámos o *Prémio Nacional da Catalunha* e depois o *Grande Prémio do México*. Do ponto de vista emocional foi uma coisa que me comoveu imenso, perceber a diferença Portugal / Espanha, porque o

Escritor, Dramaturgo, Encenador e Actor

prémio foi por melhor director de teatro e melhor espectáculo, e dado pela Associação dos Directores e Actores da Catalunha a um estrangeiro, é bonito! Como a gente sabe, aqui, neste país, é tudo muito difícil...os gajos comigo, já têm uma técnica que é fingir que eu não existo, é mais fácil. Tentaram num período dizer mal dos espectáculos de A Barraca. Tentaram, mas não funcionou. Diziam muito bem de outros, mas o público não ia a eles, vinha ao nosso. Começaram a desistir.

Acha que os jovens “agarram” o teatro, com alma? Há uma grande diferença, devido às nossas pesquisas sobre os temas. Desde sempre, fizemos essa coisa fundamental que é precisamente o tal trabalho sobre a história, a cultura, em ligação directa e imediata com as escolas e com os professores. Devido a isso, essa gente começou a vir. Já estiveram aqui jovens que viram teatro pela primeira vez, porque vieram com a escola, depois entusiasmaram-se. Tudo isso se criou com os professores que deram em encenadores, lá na escola. Tudo é uma mecânica que se vai criando.

Portanto, com os jovens há uma diferença fantástica; não esquecer que, quando nós começámos, vínhamos dos cinquenta anos de fascismo. Não havia nada, ou seja, quando hoje falamos da crise portuguesa, da economia, do desemprego, a malta esquece que tem cinquenta anos de atraso e isto não se resolve sem mais nem menos. Quando nós começámos, em 74, à rasca, já os outros tinham 30 ou 40 anos de avanço, isto paga-se, não é? Além de serem 50 anos de atraso, eram 50 anos que não tinham nada a ver com o país, e que o dinheiro era o dinheiro que se ia roubar a Angola, Moçambique e companhia...ou seja, nem era o país a trabalhar. Ora bom, é por isso que há esta diferença fantástica na juventude de agora. Há uns anos, eu fazia audições a actores e actrizes e metia medo...! Nem sabiam ler e vinham do Conservatório. Não tinham cultura nenhuma, horrível. Agora não. Vejam



estes jovens, por exemplo, que estão, aqui, na Barraca. Há dois anos, quando fiz o espectáculo o “Mistério da Camioneta Fantasma”, sobre os crimes da República a mando dos monárquicos - e que nunca tinham sido esclarecidos, porque Salazar proibiu que se esclarecessem - eu fui investigar para fazer a peça. Como precisava de catorze ou quinze actores, fiz audições para jovens e vieram. Fiquei completamente parvo, tinham um nível altíssimo, seleccionei cinco e ainda aí estão. Um foi fazer uma telenovela, e perguntou: “mas o que é que achas? Devo ir ou não?”, eu disse-lhe, “isto é simples. Se te digo, não vás fazer, tu ficas com um problema para toda a vida. Não, tu vais fazer, ficas descansado, e depois escolhes, se queres continuar no teatro, se queres continuar lá, é fácil!”. Já me telefonou: “eu estou quase a acabar...”

Geralmente os jovens actores das telenovelas acabam, num curto espaço de tempo, a encenar e a realizar o seu próprio espectáculo. Não acha que a formação dramatológica foi adquirida muito rapidamente?

Isto é assim, a televisão cria uma imagem ... aliás isto tem tudo a ver com a publicidade e mais nada. Tem a ver com a sociedade de consumo: “agora é para os jovens”, depois tem que ter uma coisa de marca... “agora é para as meninas”, e as histórias giram à volta disso. Depois são as histórias do costume: a menina pobre casa com o menino rico, o príncipe encantado, a gata borralheira... são

Helder Costa

sempre as mesmas histórias e a malta morde, sempre, o mesmo isco. Os meninos ficam conhecidos, ficam bem vistos, a imagem vende, estão na capa das revistas e, a partir daí, é fácil, organizam lá uma peça....

O que acontece é o seguinte: a SIC e a TVI, contratam a rapaziada e no contrato está, “depois vão fazer uma peça”. Aproveitam serem conhecidos pela televisão e fazem a peça, e vão as meninas, e vão as mãezinhas!!! Depois só há aqui uma coisa muito chata para eles, jovens, é que não percebem que são carne para canhão. Aquilo é explorado, uma, duas séries e depois vai para a... Eu digo a um ou outro: “tem cuidado com essa merda!”. É que depois, “venham outros”. Para quê? Para conquistarem outro mercado. Ou seja, primeiro a menina tem que ser loira e ele moreno, depois pode ser mulato, depois pode ser preto, que é para ir conquistando consumo; agora a heroína tem que ser morena, a loira já está, é só mentiras, são coisas de *marketing* puro, não é rigorosamente mais nada.

E com estas explorações daqui e dali e outras situações mais graves ainda, acha que o povo, Portugal, está feliz?

Portugal não pode estar feliz. Eu penso que também a França, a Itália, a Suíça... Acho que o mundo não pode estar feliz. Embora uns estejam menos que os outros. Para perceber isso, bastaria a gente ver quantas vezes, por mês, vão ao psicanalista. Afinal, o que é que se passa? Que doenças têm ou não têm? Quantos jovens são obrigados, por conseguinte, a ir para treinos militares de defesa e ataque para serem seguranças, para serem mercenários, nas guerras? E as meninas? Quanto têm que gastar nos ginásios por causa da gordura e nas clínicas por causa das ancas, dos seios... Toda a gente percebe que é um mundo totalmente errado e está numa situação claramente perigosíssima, devido à ofensiva neo-nazi, do Bush, e dessa gente toda que se baseia na guerra, no imperialismo, no

massacre de milhares de pessoas. Tudo isso tem efeitos.

A África é um desastre, morrem aos milhões nos massacres, com desnutrição, com sida e veja-se a tragédia no Ruanda... No nosso caso, da Europa, é todo um aspecto que está erradíssimo desde há uma quantidade de anos, e começa, precisamente, com o desmantelamento da Jugoslávia e com a Croácia a aderir ao marco alemão. O objectivo fundamental dos americanos era gerir a Jugoslávia, país fortíssimo, que ao entrar para a Comunidade iria fortalecê-la, ainda mais, e lutar contra os Estados Unidos. Isso não serve ao camarada Bush, aos seus amigos, ao seu criado, que é o Durão Barroso que foi lá posto por ele. Isso cria as infelicidades. E é por isso que surge o Berlusconi em Itália, o Aznar na Espanha... é uma desgraça... Ou seja, as democracias actuais não são capazes de dar um passo em frente porque dizem que têm as limitações económicas. Não têm coragem, porque também não podem, estão submetidas... Há uma



Escritor, Dramaturgo, Encenador e Actor

coisa que se chama as “multinacionais internacionais” que manipulam os povos, dizendo: “se você quer mais aumento, eu vou para o Vietname, para a Coreia...”. É este desequilíbrio! Como, ainda por cima, ninguém quer fazer a revolução, por mais que a gente fale... é um impasse difícil! É por isso que eu digo que nós só temos efectivamente um caminho, o caminho da aposta cultural, ligado, evidentemente, à organização sindical, aos trabalhadores. É um campo fundamentalíssimo em que se insere o cinema, a música, o teatro, a literatura, as revistas, tudo. E é por isso que todo o trabalho que eles fazem, é para desprestigiar esse campo. É por isso que eles expulsam os jornalistas: no “Público”, havia uma série deles que escreviam e diziam coisas mais ou menos sérias... foi tudo expulso, já há dois anos. E isto é o país desgraçado que a gente tem. Por exemplo, em Espanha, o “El Pais” tem seis ou sete colonistas, cinco são claramente de esquerda, assumem-no, têm posições giras, sobre os processos e não há medo disso. Este país ainda está a pagar uma coisa, e há-de pagá-la, ainda, não sei quantos anos: o ter havido o “25 de Abril”.

Esta burguesia, que apanhou o maior susto da sua vida, “ai que eles nos vão matar e roubar...e não sei que mais!”. Como isto era tudo uma malta porreiríssima, não é? Nada lhe aconteceu. Só em Portugal é que há destes milagres, sim! É milagre! E depois, este bom coração que a malta teve...

Eu vi em Grândola, na minha terra, irem lá apanhar dois *pides* e deram-lhes uma lição de moral e mais nada! Isto em nenhuma parte do mundo se passava. É incrível, os gajos que eles tinham denunciado que tinham prendido, torturado... É extraordinário! Irreal.

É irreal se torna este circo de corrupções a que não conseguem pôr termo e então a capital dá exemplo. Há uma corrupção descarada, é um roubo. Basta puxar um bocadinho pelo fio e a gente percebe... é o Bragaparques, depois é o construtor civil ... tudo



isto são compromissos que existem para ali e é por isso que não há saída. O que eu acho curioso e basta olhar para perceber, é assim: há um determinado número de políticos que vão para a política como o Carlos Espada, Valentim Loureiro e outros, precisamente para terem imunidade... “sou presidente da câmara, sou deputado, não posso ser julgado agora, só quando sair”. Isto é uma moda, aliás, internacional. O Carlos, precisamente, está com aqueles processos judiciais mas agora não pode ser julgado; o Chirac, o “camarada francês”, antes das eleições fez um acordo com o Sarcokozy, “eu apoio-o com uma condição, que é você, quando chegar lá, tem que fazer um decreto que alargue o tempo de prescrição das coisas em que eu sou julgado”. O Chirac tem um processo em cima devido à corrupção feita na habitação em Paris, quando era Presidente da Câmara. A própria mulher dele, que já deve estar taralhouca, coitada, disse a dada altura: “se a esquerda ganhar, vamos presos!”, saiu-lhe aquela. Se olharmos a presidência da câmara de Lisboa, com estes gajos todos do PSD, é um descaramento! Porque é que o Carmona e todos, que estão arguidos, querem a Câmara? Para quê? Para terem imunidade. Porque é que este Negrão, está a ser candidato? Ele está arguido de um crime, quando dirigia a Judiciária, rompeu o segredo de justiça, em relação aos casos da pedofilia, e, mesmo assim,

Helder Costa

é candidato. A corrupção a todos os níveis é que permite isto tudo. Depois há os jogos de oportunismo, como os candidatos que se apresentam só para, “eu ainda existo”, como o monárquico.

O rei D. Carlos, aliás, que era um rei inteligente dizia: “Eu sou rei, mas já não há monárquicos...”

Voltando ao Teatro, preparar uma peça é um processo complicado?

É um bocado complicado porque não tenho um processo único. Se a peça é escrita por mim, fico inteiramente descansado, escrevo, tenho uma ideia, junto o grupo e ficamos a falar sobre aquilo e pode apetecer-me cortar e alterar, aliás, às vezes, os actores até dizem: “eh pá, isso era tão giro!”, respondo, “calma, fica para outra peça”. E gosto muito, se tenho tempo, de fazer esse trabalho ao mesmo tempo que dirijo e discuto e vejo...é a construção simultânea. Nela, na construção simultânea, vou pensando na luz, no som, nos processos e ao mesmo tempo pondo na cabeça dos actores como é que eles devem representar isto ou aquilo, sistema que é: “como se ensaia o actor”.

Se o espectáculo é sobre um tema histórico, por exemplo o de hoje, 1817, *Gomes Freire de Andrade*, todos os actores que entram são obrigados a estudar o período histórico e a saber tudo, para estarmos à vontade e para outra coisa fundamental, que lhes digo: “vocês têm que estar seguros sobre tudo, dessa época, porque imaginem a vergonha que é, se no fim do espectáculo, alguém do público que gosta da peça, vai perguntar, sobre isto e aquilo e não sabem dizer!!!”, não pode ser. Esse processo é sempre obrigatório, seja peça minha, seja de outro, tem que ser sempre vista desta forma. Na última peça do *Augusto Boal*, tivemos que escolher: “ponho a peça no Brasil, ou ponho a peça internacional? Pode ser em qualquer parte, o que é que vocês acham?”, votou-se, internacional. E então a ideia é conseguir que chegue a toda a parte, o que complica muito mais o meu trabalho. Na prática, a questão funda-

mental é preparar a cabeça, o pensamento para lhe dar a liberdade de pensar, poder discutir a peça nos ensaios e poder imaginar. Porque senão fazemos uma coisa muito chata que é transformar o actor numa marioneta. Aliás, lá na minha vila até há um termo fantástico para designar isso: “director sinaleiro”. Quando eles perguntam nos ensaios; “Então, agora o que é que eu faço?”, respondo: “ai! Eu não sei, pá! Sei lá! Tu é que sabes, estás dentro da personagem. O que é que te apetece fazer, neste contexto?”. Quando certos movimentos, por vezes, estão errados, perguntam: “está errado porque?”, “Pensa um bocadinho, se podes nesta altura fazer isso?”. É assim, é com a cabeça que se faz tudo. Ou seja, aquelas complicações que, às vezes, se põem no teatro, agora, não se justificam, nós temos que ter expressões, os movimentos, os actos, livres; absolutamente livres e convictos. O público, assim, com certeza, que adora.

Segundo algumas opiniões, não é fácil viver do teatro, em Portugal. Alguns actores queixam-se de terem um trabalho precário e dos fracos subsídios que recebem para levar à cena uma peça de teatro.

Não sei, muitos conseguem. Aliás, uma vez que estamos a falar disso; há dias, na Sociedade Portuguesa de Autores fizeram uma homenagem à A BARRACA; apresentaram um pouco disto e falaram. Houve uma senhora que disse que não há subsídios e eu: “minha senhora, não se pode fazer nada, os subsídios são óptimos, muito, muito bons! São os melhores da Europa, ainda antes do 25 de Abril”. É que são! Subsídios de cento e trinta mil contos, por ano, para um grupo, é bom! Eu só tenho 35 mil. Ter cento e trinta mil contos, é de luxo! Alguma vez há esses subsídios na Europa? Não há. Eu estou a falar de cento e vinte mil e cento e trinta mil, por aí. Isso é para alguns (entenda-se). Talvez haja dez grupos que os têm. É muito dinheiro! Vivem muito caro e trabalham muito pouco, porque estreiam um trabalho e... são vinte

Escritor, Dramaturgo, Encenador e Actor

dias de representação, depois ficam uns meses a pensar. Nós aqui, não, estamos a trabalhar e ao mesmo tempo estamos a pensar em outro trabalho. Mas é o gosto, não é nenhum sacrifício. Eu, o que lamento é, na realidade, não haver outras verbas para eu poder ter as coisas que me pedem. Eu teria sempre uma equipa pelo país, porque passamos a vida com convites que não podemos aceitar. Se houvesse outras verbas uns estavam em viagens internacionais e outros estavam aqui, com outros trabalho. Com esse dinheiro eu teria três, ou quatro equipas. É isso.

As pessoas que trabalham aqui, actores amadores e profissionais, alunos...têm, em média, que idade? E, já agora, quantas estreias faz, A Barraca, por ano? A média anda pelos vinte, trinta anos. As estreias de espectáculos andam na média de quatro a cinco, mas continuam em cena os espectáculos anteriores. Nós temos sempre um repertório de cerca de dez peças. É uma espécie de menu: um indivíduo vai ao restaurante, “o que é que deseja? Quer que estilo? Quer Gil Vicente? Quer século XVI? Quer século XIX, quer...”. Chego a ter três peças ao mesmo tempo. Agora chegamos a ter quatro, com a *Herança Maldita*, à quinta, sexta e sábado, lá em baixo; *Darwin...* aqui, à quarta-feira e domingo o *Felizmente Há Luar*; aos sábados e domingos *O Conto da Ilha Desconhecida*, para crianças.

“O teatro é uma corrente de felicidade e de actividade contra o egoísmo e o medo”.

Só há esta Barraca ou já há raízes de Barraca, pelo país?

Não, eu acho que há alguma coisa de *A Barraca*, há trabalhos criados por actores que estiveram aqui, e que estão no país a fazer coisas nesta linha: em Tondela, em Guimarães e há outros grupos também de malta que saíram daqui, que têm esse gosto, que ficaram com as mesmas ideias, são indepen-



dentos. Em Guimarães, no CAR, Centro de Arte e Recreio, estão já a fazer uma versão do *Fernão, Mentos?* E depois há mais, há uns que têm menos força, são meio amadores meio profissionais, em Vendas Novas e no Algarve, em Lagos. Fazem coisas minhas e depois eu vou lá corrigir. Há realmente muitos grupos que já pertencem, digamos, ao “Império do Mal”.

Um “Império do Mal” (risos), com dinamismo, coerência, liberdade e um estilo muito próprio... Posso dizer que para mim é importante falar do estilo. É um estilo de teatro que se baseia numa coisa que é um cenário simples, não complicado, para poder viajar e para jogar com imaginação do actor. O actor é que enche o espaço. Acho que está tudo dito. Por conseguinte, adereços simples, textos que misturam o texto de enclave, compreensível e muito junto do humor, nem que seja uma coisa trágica há um toque ou outro de graça. Este estilo aprendi-o quando fiz formação académica, na Sorbonne, em Paris. Desenvolvi essa teoria, depois, no Teatro Operário, em Paris; um teatro que criei com imigrantes. Aí é que eu completei a aprendizagem porque aí, os actores, eram mulheres - a - dias, operários da Renault, da construção civil... não havia estudantes, o único estudante era eu. Eram trabalhadores que se esforçavam, e depois uns não sabiam ler, era incrível! Consegui pô-los até a escrever as ideias e depois fazer o confronto: “como é que se faz aquilo? Como é que se criam as pessoas?”. Há um lado pedagógico, não é? O teatro é

Hélder Costa

pedagogia e ver o efeito desses espectáculos com a população de imigrantes e com a Pide, porque havia a Pide a sério, e como é que os temas absolu-



tamente políticos e revolucionários, eram adorados por aquela gente!

Eu só trabalhava sobre temas revolucionários, políticos, Guerra Colonial, as denúncias da Pide, isso. Havia lá uns rapazes que estavam exilados e queriam fazer teatro, mas só peças que fossem autorizadas em Portugal. Bem, mandei-os logo para a... “Mas para que é que eu estou cá...? Disso já lá fazem em Portugal”, por amor de deus!

O Hélder Costa exila-se, em Paris, e, citando-o, “mais que um acto puramente político ou partidário, tratou-se da rejeição de um modelo de

vida e sociedade”. Quer comentar um pouco esta aventura?

Não vou contar a história toda. A dada altura, eu era, aqui, um agitador. Fazia coisas que não se deviam fazer. Já tinha estado preso em Penamacor.

Entrou na Companhia Disciplinar, com mais três colegas, dia 13 de Maio de 62. No seu livro: *O Saudoso Tempo do Fascismo*, lê-mos esse episódio e permita, já agora, que lhe diga que é um livro obrigatório, imperdível. Emoção, heroicidade, crítica, mofa, humor está tudo ali, e como deve ser. Voltamos à história...

Então, só para dizer, tive que me ir embora em 67... Foi uma experiência ótima, porque os ladrões ensinaram-me a roubar carteiras com três dedos...(risos). Depois safei-me dali e decidi, por opção, fazer a luta contra a Guerra Colonial. Eu tinha muitos colegas que tinham ido para a guerrilha e todo nós éramos contra o Salazar. Não podia ir para a guerra com uma espingarda, “matas? Não matas?”. Não, tinha que ser resolvido de uma outra forma. Então, durante anos, fiz todo um trabalho para a deserção. Fui estudante a fingir, depois começou-se a complicar a vida, já não renovavam os papéis, já era uma coisa séria... passaportes falsos... uma desgraça! Fomos uns senhores durante vários anos e não nos apanhavam. Porquê? Porque eu disse: “isto só funciona se a malta estiver fora de Partidos”. E nunca pensamos em criar um.

E para estabelecerem contactos, como se organizavam?

Como é que a gente se organizava? Tipo máfia: eu conheço um, o outro conhece outro. Só assim, se não, há um que fala e vai tudo dentro. A gente andou assim quatro anos, quatro anos do caraças! Depois, para minha infelicidade, um meu colega que era lá advogado dos presos políticos, foi “engatado” e disse: “quem deve estar com coisas é o Hélder...”. Eu já tinha estado preso e tinha-me pro-



metido, “nunca mais volto a ser preso”. Tinha um processo montado para tal, era fácil: todos os dias, às 19 horas, eu fazia um telefonema para o meu avô. Estivesse aqui ou acolá, eu telefonava. Aquilo tocava e, “donde fala?”, respondia-me. Um dia era outra voz, “quem é que fala?”, era um Pide. Insultei-o, “seu filho da..., seu Pide de merda”, e desliguei. Cheguei a casa, contactei uma amiga, para dormir na casa dela. Fui ao meu quarto, organizei-o: em cima da secretária abri o livro do Mao Tsé-Toung, sublinhei uma frase e tirei tudo o resto. Numa caixa grande, que lá tinha, escrevi: “NÃO MEXER”, lá dentro estava um ... das Caldas. Os gajos chegaram lá, partiram aquela merda toda, coitados! A partir dali escondi-me. Isto é obrigatório, temos de partir do princípio que quem for preso vai falar, não se pode por a hipótese de: “ele aguenta”. Aconteceu-me outra situação: um gajo foi preso e apercebi-me de que havia um outro que podia estar relacionado com ele. Era um sujeito mais velho que eu, engenheiro. Consigo aproximar-me dele e: “sabe o... foi preso, calculo que você o conhece, se calhar, ele fala qualquer coisa, e...”. O gajo com uma calma extraordinária, “Ah não!, se me vierem procurar, eu vou preso, pronto!”. E andava a gente a pensar na Revolução!!! Se me vierem procurar, eu vou preso, porra! E eu, se for preso, quero é fugir, para continuar a Revolução...

Fugir de Portugal, também não foi fácil, pois não? Foi uma aventura muito gira, a minha fuga. Atravessei a nado o Guadiana, e depois foram uma série de coincidências fantásticas, uma série de peripécias até Paris. Acabei por chegar no meio de Agosto. Puxei dos contactos franceses que tinha...não estava lá ninguém! Eram férias! Fui então onde a malta toda ia, à livraria Maspéro do

Quartier Latin. Meto-me pelo Quartier fora e, coisa incrível, encontro um gajo que eu tinha ajudado a fugir há um ano antes. É o primeiro contacto. Às vezes, passava por Paris, quando ia ao Festival Mundial de Teatro e ele e outros, sempre que passava, diziam-me: “Eh pá! Tu tens que ficar em Paris para fazermos umas coisas” e agora, repetia o mesmo; “Eh pá! Fica cá para fazermos umas coisas”, e eu, “Tá bem! Desta vez fico”.

Não tinha nada comigo, nada. Os sujeitos que tinham que me passar a mala para o outro lado da fronteira, tiveram um acidente, de maneira que fiquei sem nada. Comprei uma pasta de dentes, uma camisinha, que ainda tenho... Cheguei lá na miséria absoluta!, mas à noite, já tinha três camisas, quatro calças e comecei logo a trabalhar, num hotel. Logo no dia seguinte encontro o Zé Mário Branco (tinha fugido em 61), somos velhos amigos, de Coimbra. Fui logo viver para casa dele.

Já o tinha encontrado uma vez aquando da minha ida ao *Festival de Teatro*, e eu: “Eh pá! O que é que fazes?”; ele, “ando preocupado com coisas de cultura!”. Fiquei muito surpreendido: “cultura?”... Ele só falava de política!

Quando voltei, já foi em 67, então assisti, lá em casa, à primeira canção “O soldadinho”. Já tinha assistido à primeira do Zeca Afonso “O meu menino é d’ouro”, caramba! Tive a sorte de ir assistindo a essas primeiras e emblemáticas canções de intervenção, dessa malta...

A vida em Paris era uma coisa horrível, um gajo ia para o Quartier Latin, para aqueles cafés, e ouvia aquela gente toda a falar da Revolução em Portugal. Eu ficava doido... “A gente faz isto, a gente faz aquilo”, depois saíam de Paris par vir “tomar Portugal” e...eram presos, logo na fronteira francesa, porra! Pois, estavam ali os Pides a fazer o quê?

Hélder Costa

Eu estive ali quinze dias a ver, a apreciar aquilo e desapareci, nunca mais me viram, aqueles anos todos. Fui ter com a malta de Grândola, que conhecia desde pequenino, de confiança, de certeza que não eram da PIDE e começámos a fazer um Movimento a partir daí. Depois foi o teatro. Operários, trabalhadores...essa gente, para mim, foi essencial, nessa questão. Quando digo: “façam grupos amadores, façam grupos de teatro amador”, é fundamental, porque aí aprendemos com as dificuldades, como é e como se faz. Não vale a pena ir para profissionais, é uma porcaria; já vêm com muito dinheiro. Fazer isto, fazer aquilo, repetem vícios, não têm invenção: “eh pá! Não se vai estar com trabalhadeira, isto põe-se num *slide*!” – dizem – e eu: “qual *slide*...? *Slide* uso-o só se eu quiser fazer um documento histórico”.

Quando fiz *O Mistério da Camioneta Fantasma* pus *slides* e a malta: “eh pá, tu vais por *slides*?” era como se fosse um atentado! Mais, pedi ao grafista do cartaz que o fizesse em Banda Desenhada, “é um crime!”, disseram-me, mas a ideia funcionou bem. O crime em Banda Desenhada e, ao mesmo tempo, um crime feito ao vivo, por actores, mostrando outro ângulo, tinha um efeito bestial com os jogos de luzes, o teatro, a projecção, o desenho ...

Bom, isto aqui já são as mariquices artísticas. Um gajo também gosta de inventar...

Finalizamos com um comentário seu, Hélder, porque cremos que ele contém uma mensagem muito forte.

“O teatro é uma corrente de felicidade e de actividade contra o egoísmo e o medo. Luta por participar, comunicar, e por se entender entre si e os outros. Sabe que pode desbloquear insegurança, que consegue abrir sentimentos e que transforma o acto poético em actos de vida... Quem não tem medo do teatro é quem ama a vida, quem aceita as suas contradições, e quem sabe que o mundo está em eterna transformação. A Barraca não tem medo do teatro. É com alegria que encontramos cada vez mais gente como nós.”

António Pinheiro e Luz Neto



O seu site. A nossa imagem. Os mesmos objectivos.

- Alojamento Web desde 1.95€
- Domínios a partir de 7.90€
- Construimos sites profissionais

WEBHOSTPT.com

MAIS SOLUÇÕES PARA SI!

www.webhostpt.com

Antonio Alves: 079/203 43 36 • Jacinto Pinto: 078/765 51 70 • contacto@webhostpt.com

A RUA DOS MENINOS (Ou cada sociedade tem as ruas que merece)

Estamos diante de uma das piores consequências da irresponsabilidade social: O nascimento, vida e morte do menino de rua. Uns, tentando ajudá-lo, acabam por colaborar na formação da “apologia da miséria”, através de impotentes denúncias e de ingênuas reivindicações de fundo unicamente caritativo e sentimental. Outros, de carácter policialesco, querem a todo custo, preservar a cidade do estorvo que é a presença do menor perambulante. A busca aflitiva dessa preservação desencadeia uma série de fatos profundamente amargos para a vida humana.

Mas de onde provém o menino de rua? Qual é a sua condição (ambiente) anterior à rua? A própria vivência de mundo de cada um de nos é capaz de responder à questão do “gosto pela rua”, da liberdade na conquista do universo fora do lar: companheiros, aventuras, procuras, encontros, convivências, aprendizado de mundo, etc. Difícil será encontrar um menino que não tenha sido, segundo seus próprios limites, *de rua*.

Menino de rua tem ponto de partida: casa, barraco, maloca ou, em caso mais agudo “autêntico”, a própria rua, numa simultaneidade entre tal ambiente e a instituição competente: “pivete gera pivete”. É raro encontrar um cidadão que não tenha, ao menos por uma vez, testemunhado (e mesmo sofrido) alguma ocorrência encabeçada por um menor nas ruas da cidade(*). Cada transeunte tem, certamente, sua particular impressão diante do quadro diário, onde é imprimido o nosso próprio rosto. O fenómeno “menino de rua” transforma-se então, a partir de nossa confusa e desorientada perspectiva, num dos recantos apropriados da “geração espontânea”.

O mito da Geração Espontânea, “suposta formação de organismo vivo a partir de matéria não viva, ou seja, termo da Biologia usado para encontrar uma saída para o problema do surgimento da vida orgânica através da imaginação e de estranha experimentação”, pode-nos explicar um pouco a situação atual.

O organismo da cidade é o nosso objecto e, ao mesmo tempo, o quadro onde estamos estampados. A “geração espontânea” de nossos *ratos* é a razão do nosso compromisso social: sem milagres, sem mitos, sem “para-quadras”. O termo *menino de rua* foi *gerado*, foi cunhado “espontaneamente” pela opinião doméstica para explicar o fenómeno *ambiental* do menor fora do lar. Se o menino é da rua, ele não é de seus pais, não é da escola, não é do lar (não há lar). A cidade (as ruas) existe como espaço/mãe, que “gera” e acautela *seus* rebentos.

É importante lembrar que o termo cidade entra aqui em lugar de *sociedade*, devido ao fato de estar concretizado na cidade o nosso *sonho social*, os avanços de sua realização, e os retrocessos de um sistema desumano. Portanto, o que a sociedade conseguiu de real/concreto foram suas ruas, suas praças, suas fábricas, seu conforto ambiental, seu aconchego e tudo isso é fruto de um sonho social/urbano. Enfim, as ruas de nossos meninos são as ruas de nossa sociedade. Nosso espelho.

(*) O autor se baseia em sua cidade, Belo Horizonte, capital do Estado de Minas. Terceira cidade do Brasil em população e desenvolvimento industrial.

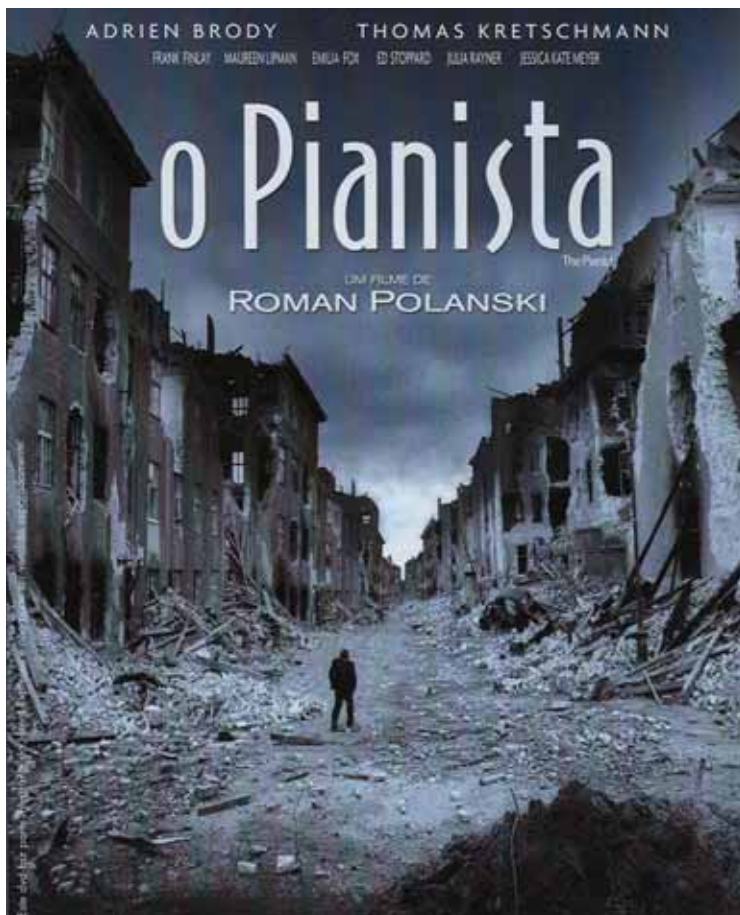


O pianista



Pianista é um filme do realizador polaco Roman Polanski que apareceu nos cinemas de Lisboa há muito tempo. Como não sou grande cinéfilo não procurei vê-lo na altura, embora várias pessoas me tivessem dito tratar-se de um excelente filme.

Surgiu-me há dias a possibilidade de o adquirir na versão DVD e foi com enorme expectativa



que o vi. Trata-se de um filme arrebatador que relata a terrível perseguição que sofreram os judeus polacos durante a Segunda Guerra Mundial na capital do país, Varsóvia, e em particular o pianista Wladyslaw Szpilman, que viveu na Polónia que por ser judeu sofreu os horrores das perseguições nazis. Na cidade dos

judeus eram acantonados em zonas chamadas guetos a fim de serem controlados mais facilmente – embora usassem a estela de David nas suas roupas – e deportados para os campos de concentração, dentro de vagões a abarrotar de pessoas, onde eram mortos nas câmaras de gás quando não morriam de fome, frio ou doenças. A perseguição aos judeus ao longo da História não foi só levada a cabo pelos nazis; em Lisboa, por exemplo, teve lugar uma grande matança no dia dezanove de Abril de mil quinhentos e seis, em que, segundo relatos da época terão sido mortos – muitos queimados vivos – para cima de três mil judeus.

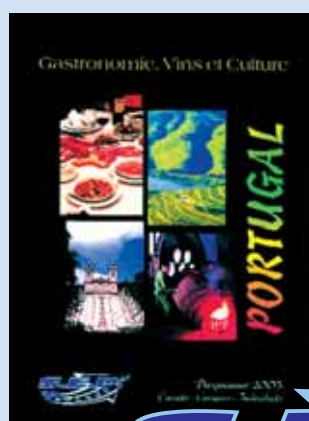
Szpilman consegue fugir do gueto onde se encontrava, após ter assistido à deportação de toda a sua família para o campo de concentração de Treblinka, iniciando então a luta pela sobrevivência em fuga permanente pela cidade, sem nada para comer, por vezes adoecendo e sofrendo as agruras do frio intenso. Consegue não ser descoberto escondendo-se também com a ajuda de amigos que lhe dão guarida breve em suas casas, embora correndo o risco de serem fuziladas por abrigarem um judeu, ou em apartamentos vagos, em prédios à partida insuspeitos de albergarem judeus foragidos. Szpilman entra nos prédios a medo, subindo as escadas pé-ante-pé evitando fazer qualquer ruído que o possa levar a ser descoberto por outros moradores e denunciado aos alemães, sempre com a esperança de que um exército aliado, o russo, entre na capital e liberte os habitantes da ocupação nazi, o que vem a acontecer.

Dido não toca piano. Dido é um cão rafeiro que há anos foi abandonado em Carnaxide, nos arredores de Lisboa. Começou a aparecer numa praceta e cedo algumas pessoas se condoeram da sua sorte, dando-lhe um nome e distribuindo tarefas entre si para sua protecção. Há quem zele pela vacinação anual, pela desparasitação regular, pelo tratamento anti-pulgas periódico,

e o cão

por tudo o que se afigure necessário à sua protecção e bem-estar. Vivendo na rua tem passado anos ao frio e à chuva, abrigando-se durante a noite por todo o lado e até em casotas de cartão enquanto duram.

Dido não é um cão judeu mas também tem alguns inimigos, pessoas que o invejam. Já tentaram deportá-lo não para um campo de concentração mas para ao canil municipal a fim de ser abatido. Até hoje em vão. Já recebeu ameaças de morte através de uso de arma branca. Já passou por momento delicado de saúde resolvido com operação quozizada por muitos. À semelhança de Szpilman, o pianista judeu, Dido, dorme agora clandestinamente num apartamento, para o qual se dirige, ao cair de noite, pata-ante-pata, sem fazer ruído, ao subir as escadas, não vá ser descoberto por algum morador do condomínio que o denuncie. De manhã cedo volta sorrateiramente para o seu território, a praceta, onde dá largas à sua alegria de viver.



A Agência que lhe propõe e aconselha com dinamismo todos os destinos das suas férias, segundo o seu desejo.

Solicite os nossos catálogos!

L'agence qui vous propose et vous conseille avec dynamisme toutes les destinations de vos désirs.

Demandez nos catalogues!

www.sepvoyages.com

agence@sepvoyages.com

Dando à taramela

Tenho amigas que muito falam. Não podem sentir um minuto de silêncio, porque, suponho eu, o silêncio dá-lhes cócegas na garganta e desatam a falar da mãe, dos filhos, do marido, da viagem que não fizeram mas vão fazer, o meu marido até me diz que eu errei no curso, devias era ter ido para turismo, o problema é que o dinheiro não dá para tudo, mas eu respondo-lhe logo, ó homem, a vida não é só amealhar, se me queres ver feliz, leva-me à Bretanha, leva-me ao monte Saint-Michel, vamos a Londres, eu não sou daquelas que só querem locais exóticos, qual Dubai, qual Punta Cana, a Europa serve muito bem.

Outras, a propósito de tudo e de nada, falam da gripe que apanharam por causa do ar condicionado, da noite em claro, do cão que não come quando lhe ralham, parece uma criança, olha para nós como se falasse, e ainda dizem que os animais não entendem. Falam das máquinas de roupa que fizeram, do livro que andam a ler, do

trânsito, da filha que acabou com o namorado e está a passar uma crise, mas é a vida, da amiga que abriu uma casinha de doces e salgados, um espaço catita, decorado com muito gosto, já não quer outra coisa, descobriu um bom furo, da neta que tem o mesmo nome da filha da outra, vê lá tu que engraçado, do vestido que compraram por uma ninharia nos saldos, mas era preciso subir a bainha, e eram mil paus, eu dei cinco mil e esqueci-me de receber o troco, agora tenho de lá voltar, saiu-me caro o arranjo, da sopa que fizeram enquanto corrigiam trabalhos, mas era de comer de joelhos, quase não tinha batata, só legumes, do fecho da saia que se abriu, ó D. Henriqueta, veja lá se me sobe o fecho, esta saia que me ficava tão bem, agora parece que está apertada, não percebo isto, cada vez como menos e estou mais gorda, da mulher a dias que foi de férias, a casa está um nojo, quem me vai lavar as paredes e os estores, só de pensar nisso fico doente, tenho a casa cheia de ácaros, nem

Millennium

bcp

A v i d a i n s p i r a - n o s

Genève:

Rue de Lausanne 54 • 1202 Genève
Tel. 022 908 38 48 • Fax 022 908 38 45
Tel. câmbio 022 908 38 40

Lausanne:

Place Chauderon 18 • CP 5343 • 1002 Lausanne
Tel. 021 320 99 32 • Fax 021 312 46 34
Tel. câmbio 021 323 51 34

Zürich:

Wyssgasse 6 • 8004 Zürich
Tel. 044 296 60 40 • Fax 044 240 50 45
Tel. câmbio 044 240 50 46

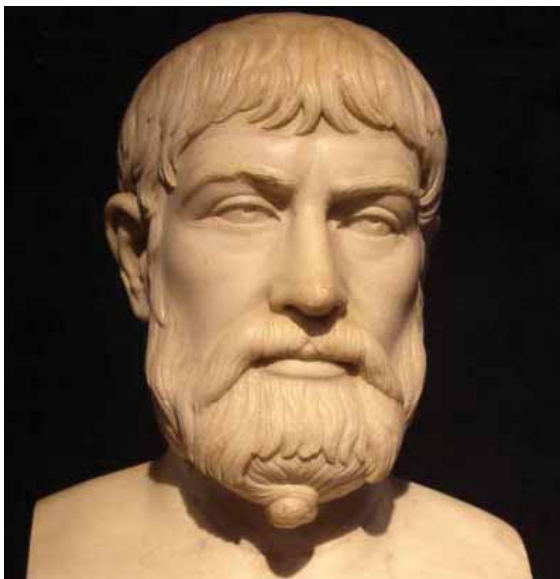


posso respirar, isto de mulheres a dias, foi um ar que lhes deu.... E falam e falam e falam... E como ninguém consegue fazer perguntas, elas perguntam e respondem, imparáveis, e fazem conferências e organizam congressos e tratam dos filhos e dos netos e quando adormecem acordam de madrugada o que é terrível, penso. Mas também tenho amigos homens que falam muito. No que aos machos se refere, diz-me a experiência, que eles se dividem em duas categorias – os que falam muito e os que não falam nada. Assim mesmo, só extremos. Venha o diabo e escolha – os que não falam chegam a casa mudos, que outra coisa seria de esperar, dão o beijinho consensual na face disponível da esposa, sentam-se em silêncio, comem calados, de nariz no prato, o cenho carregado e de vez em quando espalham no ambiente uns sons irreconhecíveis. Os que falam, deixam a comida a arrefecer e, no seio da família, só falam de coisas graves – a diluição das responsabilidades, os gajos que andam a mamar o nosso, cambada de corruptos, o futuro dos pequenos e coisas afins. Fora desse seio, libertam-se ao almoço, com a malta do emprego. Os temas são mais variados.

- mulheres e os seus jogos perversos. Às vezes abrem-se um pouco, andei a receber uns telefonemas estranhos, ia para atender e desligavam, aquilo não me cheirava bem. Copo nos lábios, mais uma golada - e tu sabes que vim a descobrir que era uma gaja com quem andei há séculos, a gaja é passada, isto só a mim ... Outros falam da secretária, uma boazona e das acções da bolsa, agora vale a pena, um gajo ganha 100 contos num abrir e fechar de olhos. Outro herdou um terreno em declive, ninguém dava nada por aquilo, mas eu aguentei, e agora dão-me uma fortuna. Outro, sensível às modernices, enche a boca com a gestão de pessoal, é preciso estar atento às pessoas, ouvi-las, reconhecer capacidades, a pessoa certa no lugar certo, gerir com eficácia os recursos humanos é o segredo para alcançar a eficácia, mas é preciso uma correcta definição dos objectivos para que os objectivos sejam correcta e amplamente alcançado. E falam e falam e empolgam-se. A comida arrefece no prato... E eu que não gosto de falar, mas cá me aguento, repito exactamente, e registo para que conste.

Gnossiennes Com dedicatória, evidentemente (Para o João e para o Gonçalo)

O primeiro verso é de Píndaro, “[...] é perecível, o corpo do homem, e imortais, os seus dias”. E esse é o primeiro de todos estes versos.



Píndaro – Poeta da Antiguidade Clássica

O segundo verso não está escrito, porque atmosférico, e é a longa deambulação de uma luz exterior, a traçar rajadas indirectas nos tectos da sala, enquanto a noite cavalga todos os Arcanos das suas Horas. Alto, a caminho do instante mais curto do Inverno, Oríon, o Caçador, ergue o seu braço sobre as presas celestes.

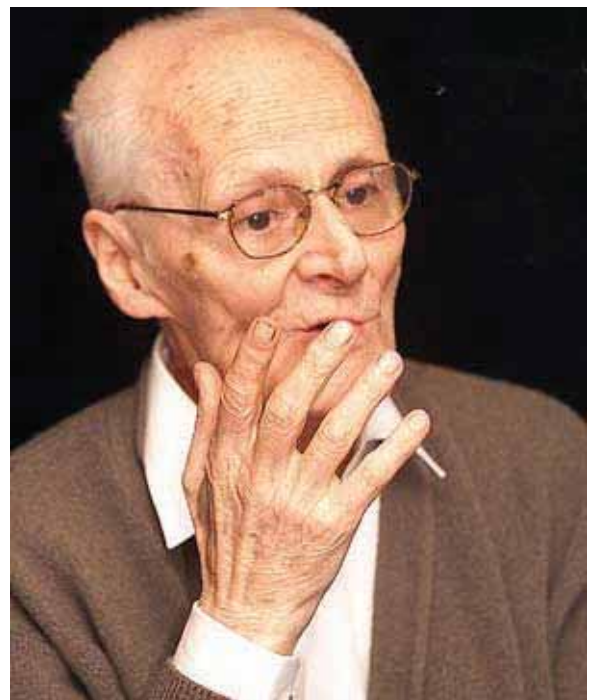
Muito mais abaixo, nas orlas do Deserto, as Pirâmides, que venceram o Tempo, apontam os seus cumes para os orifícios estelares da Placa de Chumbo do Céu, da Cosmogonia de Mênfis, Abidos e Tebas, “Hekathompylus”. No silêncio da Câmara do Rei, duas galerias, minuciosamente traçadas, apontam para o cinto do Caçador, Oríon, o-que-devaneia, e esse é o caminho do Falso e do Efémero, porque seis

meses abaixo do horizonte, e só os restantes numa deriva boreal que anunciam os meses frios do granizo, que o Egipto hermético desconhece. A outra galeria assesta as suas portas na direcção do Olho do Dragão, e esse é o Pólo Celeste da Antiguidade, e o Domínio do Perene.

O terceiro verso é uma emoção, e o frágil herói, vencido, perfila-se aos pés do Rei que ora jaz morto. Faz, com a testa, uma ligeira vénia, e poucos são aqueles a quem ele venera. No seu gesto fugaz, também aceita uma vasta e pesada herança.

O quarto verso é um oráculo e uma epígrafe: “eu apenas poderia respeitar uma Ordem ditada pelo Fascínio”.

O quinto verso é um turbilhão de sensações, é já Apolo que se converte em Dionísios, e embarca na voragem dos sentidos. Cintilações, a mesma



Mário Cesariny



luz exterior, que traça rajadas fâtuas no tecto da sala, enquanto a Noite desfia as suas horas. Todos os instantes são tensos, mas nada existe neles de inquietante.

O sexto verso é o Hexagrama “EC”, do “Livro das Mutações” - “Aumento, Vantagem, Importa ter um plano de longo prazo. É bom atravessar o Grande Rio”.

O sétimo verso é Cesariny, “intensamente livre o homem dirige-se para a praia mais pequena que ele leva na mão um mapa-mundi azul é a custo que desce as dunas mais pequenas que ele e sem ninguém que ateste a visibilidade radiognomométrica destes seres o homem perfura o poço mais pequeno que ele abrindo o leão de costas que há no fundo do poço o doce leão alado muito limpo que há no fundo do poço”.

Em Londres, uma mensagem perde-se num

gravador de chamadas, mas o destinatário, mediunicamente, já sabe que se trata do anúncio de uma morte.

E é aqui que cai o pano, o Fascínio, a Ordem, a turbulência do sentidos, a ambiguidades das luzes que fazem a rajada das suas projecções nos tectos brancos da sal, uma tela incompleta, e profanada, de círculos concêntricos, como numa alucinação de “Misérable Miracle”, um ar que pesa de fumo e de indecisões, à espera de uma palavra branca, um gesto inaugural, um simples toque de Fundação, e a noite avança, degenerada, ao encontro da derradeira destas citações, o Ovídio, da “Ars Amatoria”: “post coitum, omnia animal triste est”, ou seja, numa paráfrase simples, meramente marcada por uma cintilação metafórica, após o êxtase, toda a animalidade recai na sua disfórica Realidade.



Montepio

Valores que crescem consigo.

Escritório de Representação em Genève

Rue terraux du Temple 9 – CP 1829 – 1211 Genève 1

Tel 022 731 58 00 • Fax 022 731 58 04 • Câmbio 0800 96 58 00 (número gratuito)

Chutes du



Reno, embatendo nas rochas calcárias do Jura, origina os rápidos e as quedas de água que atraem milhares de turistas amantes de belezas naturais. Este curso de água com nascente na Suíça, desagua em três braços



no Mar do Norte (Holanda), depois de um percurso de 1.320 Km. *Vaal, Leck* e *Nieuwe Waterweg*, o mais importante. O caudal resulta da junção de duas torrentes alpinas: *Rhin antérieur* (nascente, *massif du Saint-Gothard*) e *Rhin postérieur* (nascente, *massif de l'Adula*). Após atravessar o Lago Constança e as montanhas do Jura, outro caudal se lhe junta, o *Aar* e, posteriormente, *le Neckar, le Main, la Moselle, la Lahn...*

Considerado a mais importante via fluvial da Europa, é através do Reno que a Suíça mantém os seus contactos marítimos com outros países. Refira-se que o Reno está ligado ao Danúbio, por canais, no vale do *Main*, o que o torna, por

isso, numa via acessível aos rebocadores que puxam “comboios” de mercadorias até cerca de 5.000 toneladas até *Bâle*.

As quedas do Reno debitam cerca de 750 metros cúbicos de água, por segundo, de uma altura de 23 metros e 150 de largura. São de provecta idade, têm entre 14.000 a 17.000 anos.

A digressão por estas paisagens verdejantes pode bem começar no mosteiro de *Rheinau*. Esta jóia

arquitectónica faz jus ao puro Barroco, tornando-o num dos edifícios

mais sumptuosos da Suíça, propriedade dos monges beneditinos. Passamos, seguidamente,

por *Schaffhouse* para percorrer o dédalo pitoresco das ruelas, subir até à alta esplandida circular do

castelo *Munot* e abranger a cidade num olhar. Este

castelo foi construído pelos habitantes de *Schaffhouse* entre 1564 a 1589, transformando-o num

emblemático da cidade. Não podemos desperdiçar muito tempo e, novamente, em frente, até às quedas.

Para melhor admirá-las podemos partir do castelo de *Laufen – Laufen (Lauffen)*, assim eram antes denominadas as quedas. Mais tarde passou a designar os estabelecimentos industriais (a forja e o moinho) até que caiu em desuso - e median-



Rhin

te o preço de ingresso, descer pelas estreitas escadas de pedra até à margem (esquerda). Aproveitar os minis cruzeiros feitos em pequenos barcos, que nos levam, acostando, aos dois rochedos, no meio das quedas. Podemos subir ao topo de um deles onde a bandeira suíça ondula. É normal ouvir, dos turistas (por ano, 2 milhões) gritos de arrepios pelas sensações fortes causadas pelos barcos na sua aproximação “perigosa” às quedas de água.

Sossegam-nos quando informam que estes são “guiados /presos” por cordas. Na outra margem espera-nos o paradisíaco *Schlössli Wörth* em cujo terraço, além de provar delícias culinárias tem as deslumbrantes imagens da água revolta e espumante. Voltar de barco até à margem direita e continuar o passeio a pé, atravessar a ponte ferroviária e de novo o *Laufen*. Este edifício antiga residência dos mandatários de Zurique, hoje encerra um aprazível restaurante, uma loja com variados “souvenirs” e produtos regionais e uma pousada de juventude. Nesta elevação, que domina as quedas, percorra os caminhos impecavelmente cuidados e sente-se para desfrutar do verde, do colorido das flores, mas, para que as sensações sejam de calma recomenda-se algodão para os ouvidos.

Nesta região, há outros visitantes que, alugando bicicletas fazem o *Tössegg*, o tal percurso celebra-



do pela calma, beleza e repouso. Bordeja as margens do Reno começando em *Schauffhouse* seguindo-se *Rheinfall*, *Rheinau* e *Eglisau*. O ponto culminante desta viagem continua a ser as Quedas do Reno. Não há regras impostas, cada um inicia o percurso onde as belezas lhe forem mais atractivas.

Só temos que lhes desejar boas descobertas e bom repouso nestas terras de vinhedos, de águas límpidas e...brumosas!

Catarina Reis



Pessoas

é imprimida por ATAR Roto Presse desde 2001



Nos presses quatre, cinq et six couleurs + vernis, calibrées selon la norme ISO 12647-2, assurent l'impression de travaux de haute qualité.

Le Color Management garantit la fiabilité et la régularité des couleurs. L'œil exercé de nos polygraphes et imprimeurs amène en plus la petite touche qui fait toute la différence pour garantir votre satisfaction.

ATAR
ROTO PRESSE SA
Maître Imprimeur
depuis 1896

Préresse, photolitho, impression couleurs + vernis + ennoblement, rapports annuels, brochures, livres, catalogues, prospectus, affiches, revues, journaux.

Tél. 022 719 13 13 • Fax 022 719 13 56 • E-mail: dptcom@atar.ch • Zimeysa voie 11A • Case postale 565 • 1214 Vernier



Pessoas

Temos a certeza de que a **Pessoas** passa a fazer parte do seu dia-a-dia. Não perca tempo. Este é o cupão de assinaturas.

Preencha-o e devolva-o. **Já!**

Pessoas magazine – Case Postale 1877 – 1211 Genève 1

Nome/Non:

Morada/Adresse:

Código postal:

Tel.

Assinatura anual (Suíça) 20frs (Europa) 40frs

Assinatura anual de Apoiantes frs

Brigada Ligeira

*As férias correm como água em campo escaldado.
Apesar disso, nós queremos ser solidários com a Europa inteira,
com aquela Europa que faz parte de um vasto território chamado,
de maneira muito curta, UE.*

*Vamos consegui-lo com a ajuda de muita gente que não terá férias, sossego,
descanso e boa vida: são todos aqueles que estarão ansiosos com o bom
andamento da Presidência Portuguesa.*

*Nós aproveitaremos as férias para pedir,
aos deuses, que o diabo seja surdo e que os anjinhos os ajudem.*

Assim mesmo, de clarinho: que venha uma força sobrenatural ajudar quem tanto precisa em momento tão especial. Essas centenas de senhoras e senhores que vão trabalhar, meses a fio, para que a Europa seja um espaço de democracia e Portugal, pelo menos durante seis meses, seja um espaço de eficácia. Que os deuses os ajudem, porque difícil vai ser a tarefa e exigente, o patrão. Elas, as senhoras, andarão bem vestidas, pintadinhas, elegantes e vistosas. Eles, os homens, andarão de fato escuro, gravata deslavada, sapatinho de sola e serão acinzentados e discretos. Tão discretos serão esses senhores, como o país, apesar da luminosidade da atmosfera e da imensidão da planície alentejana. Discreto é o país atirado, no mapa, para as bordas da Europa e, agora, durante alguns curtos meses, senhor dos seus destinos mais burocráticos do que políticos. Discreto e calmo é o país, apesar das democráticas asneiras do dono político da Madeira e do aprumo do Governo, quando interrogado na Assembleia da República. Falamos do aprumo, da cara séria do PM (Primeiro Ministro) e da rígida atitude dos governantes. Cara séria ou “cara de mau”, como diriam as crianças, seguida da cantilena “pirata da perna de pau, olho de vidro, cara de mau”.

Nada mau, diríamos nós, o que tem sido feito até

agora, mesmo se ninguém gosta de que lhe arranquem uns euros do bolso ou que o aborreçam, com discussões sobre a Ota e sobre os comboios rápidos. Nada mau, para quem ousa pôr de pé um programa de trabalho, no que respeita a Presidência da União Europeia, que deixa pouco tempo para o namoro, para bronzear o físico ou para levar os filhos à escola. Ainda bem que assim é, porque a Europa é uma coisa muito séria e porque os dinheiros que ela manda para o país, vão acabar dentro de 5 anos. Há muito “coitadinho” que vai ter um sufoco, quando se der conta que acabou o dinheiro fácil.

Para sufoco, basta já o de centenas de professores, que vão ficar sem trabalho e sem escola. Não há mais escola, até Setembro. E muitas haverá que, a partir deste final de ano escolar, perderão a chave da porta principal. Como os meninos não vêm em bicos de cegonha, as contas são fáceis de fazer: sem crianças na escola, não há portas abertas. É muito bem feito. Assim, os que mandam vão mandar fazer mais meninos e os que os podem fazer vão discutir o preço. Nem para isso há borlas, que a vida está difícil.

Mais fácil parece ser a vida dos bombeiros, este verão. Será que os pirómanos foram de férias e que o calor de Julho decidiu dar folga às florestas do país? Quem dera que assim fosse. Boas Férias.

Genève

Consulado Geral de Portugal
 Cónsul Geral – Dr. Júlio José Vilela
 Rte. de Ferney, 220 - 1218 Grand-Saconnex
 Tel. 022 791 76 36 Fax 022 791 76 38
 Chancelaria: 022 791 76 33
 Serviços Sociais: 022 791 76 39
 Atendimento: 08h30 – 13h30
 mail@cggen.dgaccp.pt

Serviços de Ensino
 Responsável Dra. Graciete Camejo
 Rte. de Ferney, 220 - 1218 Grand-Saconnex
 Tel. 022 798 87 66 / 67 Fax 022 798 87 68
 ensinoge@hotmail.com

Livraria Camões
 Bd. James Fazy, 18 - 1201 Genève
 Tel. 022 738 85 88 Fax 022 738 88 37
 camoes@bluewin.ch
 www.livraria-camoes.ch

Hora Lusitana - 92.2 FM /cabo 98.6
 Emissão em Português na Rádio Cité
 A P I C - Association Portugaise
 d'Information et Culture
 Sábados e Domingos das 17.00h às 18.30h
 Tel. 022 309 09 58 Fax 022 309 09 69
 hl@horalusitana.ch
 www.horalusitana.ch

Banco Português e Investimento
 R. de Lausanne, 36 - 1201 Genève
 Tel. 022 906 17 90 Fax 022 906 17 93
 www.bancobpi.pt

MILLENNIUM BCP
 R. de Lausanne, 54 - 1202 Genève
 Tel. 022 908 38 48 Fax 022 908 38 45
 www.millenniumbcp.pt

Caixa Geral de Depósitos
 R. de Lausanne 67-69 - 1202 Genève
 Tel. 022 908 03 60 Fax 022 908 03 69
 www.cgd.pt

Santander Totta
 Rue de Genève 134 – 1226 Thônex-Suíça
 Tel. 022 348 47 64 Fax 022 349 82 44
 www.santandertotta.pt

Montepio Geral
 R. Terreaux-du-Temple, 9 - 1201 Genève
 Tel. 022 731 58 00 Fax 022 731 58 04
 www.montepiogeral.pt

Lausanne

Banco Espírito Santo
 Av. Montchoisi, 15 - 1006 Lausanne
 Tel. 021 614 00 14 Fax 021 614 00 15
 www.bes.pt - emigr@bes.ch

MILLENNIUM BCP
 Pl. Chauderon, 18 - 1002 Lausanne
 Tel. 021 320 99 32 Fax 021 312 46 34
 www.millenniumbcp.pt

S.E.P. VOYAGES
 Av. de Montchoisi 2 - 1006 Lausanne
 Tel. 021 601 08 30 Fax 021 601 08 31
 agence@sep-voyages.com

Sion

Escritório Consular de Portugal
 Chanceler - Rosa Paiva
 Atendimento: 08h30 – 13h30
 Av. du Midi, 7 - 1950 Sion
 Tel. 027 323 15 11/16 10 Fax 027 323 51 11
 mail@cggen.dgaccp.pt

Bern

Embaixada de Portugal em Berne
 Dr. Eurico Henriques Paes
 Weltpoststr. 20 - 3015 Bern
 Tel. 031 351 17 73/74 Fax 031 351 44 32
 Conselheiro Social - Dr. Manuel de Matos
 Chancelaria: 031 352 73 49
 Serviços Sociais: 031 351 17 42
 mail@sceb.dgaccp.pt

Serviços de Ensino
 Coordenadora - Dra. Madalena Silva
 Weltpoststr. 20 - 3015 Bern
 Tel. 031 352 73 49 Fax 031 351 44 32
 epse@bluewin.ch

Zurique

Consulado Geral de Portugal
 Cónsul - Dr. António de Antas de Campos
 Zeltweg 13 - 8032 Zurique
 Tel. 044 200 30 40 Fax 044 200 30 50
 Serviços Sociais: 044 200 30 44
 Serviços de Ensino: 01 361 33 32
 Horário: 08h30 – 14h00
 mail@cgzur.dgaccp.pt

Serviços de Ensino
 Responsável Dra. Fernanda de Almeida
 Zeltweg 13 - 8032 Zurique
 Tel. 044 261 33 32s Fax 044 200 30 50

Rádio Lora - 97.5 FM - Emissão em Português
 Espaço Português - Zurique
 Sábado - das 15.30h às 17.00h
 Tel. 044 567 24 00 Fax 044 567 24 17
 www.lora.ch - programa@lora.ch

Rádio - Kanal-K - 92.2 ou 94.4 FM
 Emissão em Português
 Espaço Português - Aarau

Quinta-Feira - das 19.00h às 20.00h
 Tel. 062 834 90 80 Fax 062 834 90 74
 www.kanalk.ch - admin@kanalk.ch

MILLENNIUM BCP
 Wyssgasse, 6 - 8004 Zurique
 Tel. 044 296 60 40 Fax 044 240 50 45
 www.millenniumbcp.pt

ICEP-Portugal
 Zeltweg, 15 - 8032 Zürich
 Tel. 043 268 87 68 Fax. 043 268 87 60
 www.icep.pt - icep@icep.ch

TAP Air Portugal
 Gotthardstr. 56 - 8002 Zürich
 Tel. 043 344 38 88 Fax. 043 344 38 89
 tap.switzerland@tap.pt

Agência de Viagens Félix
 Dubsstrasse 47 - 8003 Zürich
 Tel. 044 450 82 22 Fax 044 450 82 20
 www.agenciafelix.ch

Jornais e Revistas

Boletim Informativo
 Lusitano de Zürich
 Birmensdorferstr. 48 - 8004 Zürich
 Tel. 01 241 52 15

Gazeta Lusófona
 Dir. Adelino Sá
 Postfach 3010 - 6002 Luzern
 Tel. 041 310 06 30 Fax 041 311 02 42
 a_sa@gazetalusofona.ch
 www.gazetalusofona.ch

Guia Info Shop
 Dir. Carlos Lopes
 Wasserfallstr. 72 A - 6390 Engelberg
 Tel. 079 432 13 47
 www.infoshopportugal.com

Luso Anuário
 Dir. Mário Pereira
 Case Postal 459 - 1226 Thônex-Suíça
 Tel. 079 775 62 88
 www.lusoanuario.com
 lusoanuario3@msn.com

Luso Helvético
 Dir. Ribeiro Santos
 Case Postal, 268 - 1030 Bussigny
 Tel. 021 701 95 61 Fax 021 701 95 64
 director@luso-helvetico.ch
 www.luso-helvetico.com

PESSOAS-magazine
 Dir. António Pinheiro
 Case Postal, 1877 - 1211 Genève 1
 Tel. 022 738 85 25 Fax 022 738 88 37
 pessoasmagazine@bluewin.ch

SOLUÇÕES PARA PORTUGUESES RESIDENTES NO ESTRANGEIRO

BANK?
BANQUE?
BANCO
É A CAIXA.

10 ANOS
SUIÇA
ESCRITÓRIO
DE REPRESENTAÇÃO

Rue de Lausanne, 67/69
1202 GENÈVE
Tel. 022 908 03 60/1/2
Fax. 022 908 03 69



**Caixa Geral
de Depósitos**

HÁ MAIS NA CAIXA
DO QUE VOCÊ IMAGINA.

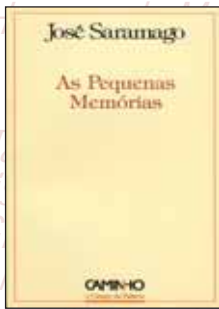
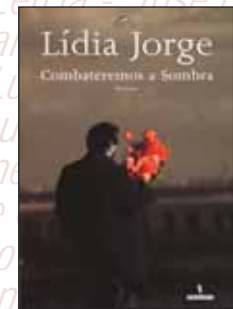
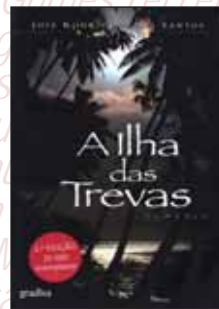
Portugal | Alemanha | Bélgica | Espanha | França | Holanda | Luxemburgo | Mônaco | Reino Unido | Suíça | África do Sul | Cabo Verde | Moçambique | São Tomé e Príncipe
Índia | Timor Leste | Brasil | EUA | Ilhas Caimão | México | Venezuela

Livraria Camões



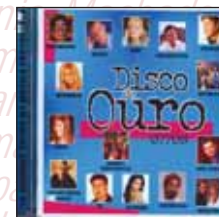
Concretize sonhos!
Ofereça livros!

Os dez mais



Música

Os Cinco mais



Literatura Portuguesa

romance, ficção, ensaio, investigação,
culinária, história, conto, aventura...

Manuais escolares e toda a música
portuguesa disponível em CD e DVD.

Visite-nos em:

www.livraria-camoes.ch